

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KARINE DALSIN

O ELEGANTE ESPORTE DA REDE: MEMÓRIAS DA ESTRUTURAÇÃO DO  
VOLEIBOL FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2004

KARINE DALSIN

**O ELEGANTE ESPORTE DA REDE: MEMÓRIAS DA ESTRUTURAÇÃO DO  
VOLEIBOL FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão do curso de Educação Física, apresentado na disciplina de Monografia II na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2004

*E quem garante que a História é uma carroça abandonada  
Numa beira de estrada, ou numa estação inglória?  
A História é um carro alegre, cheio de um povo contente  
Que atropela indiferente, todo aquele que negue  
É um trem riscando trilhos, abrindo novos espaços.*

*Pablo Milanês e Chico Buarque de Holanda*

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1: Equipes do Torneio Feminino de Voleibol em 1943 (Acervo CEME).....22
- Imagem 2: Equipe da Sogipa campeã de voleibol da cidade em 1942 (HOFMEISTER, 1987, p.127).....28
- Imagem 3: Seleção gaúcha no Campeonato Brasileiro de Voleibol em 1954 (Acervo CEME).....32
- Imagem 4: Revista dos Esportes, 1960 (Acervo CEME).....41
- Imagem 5: Turma de alunos da Escola Superior de Educação Física em 1943 (Acervo CEME).....45
- Imagem 6: Parte do álbum de recortes de jornais da jogadora Miriam Weber.....49
- Imagem 7: Desfile de abertura dos Jogos Abertos Femininos (Folha da Tarde, 1958).....50
- Imagem 8: Uma das equipes da “Década de Ouro” da Sogipa (HOFMEISTER, 1987, p. 158).....55
- Imagem 9: Equipe do Colégio Bom Conselho no Torneio de Voleibol Feminino da Semana da Pátria em 1947 (Acervo CEME).....57

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>09</b>
2.1 As práticas esportivas e suas histórias: reflexões para construção de uma narrativa.....	09
2.2 Tratamentos das fontes orais.....	18
<b>3. O ELEGANTE ESPORTE DA REDE: MEMÓRIAS DA ESTRUTURAÇÃO DO VOLEIBOL FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>21</b>
3.1. As práticas esportivas e as mulheres: um passeio no espaço e no tempo.....	23
3.2. Moças voleibolistas em destaque.....	26
3.3. Influências da Escola Superior de Educação Física.....	42
3.4. Entre a quadra e a maternidade.....	44
3.5. A imprensa e o esporte em Porto Alegre.....	47
3.6. Os Jogos Abertos Femininos.....	49
3.7. Um “outro” voleibol: considerações sobre o cotidiano do esporte competitivo.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Na sociedade atual os esportes têm sido uma prática de grande visibilidade, as competições esportivas movimentam grandes cifras, os atletas ocupam lugar de destaque no âmbito social e figuram nas páginas dos jornais e revistas exibindo medalhas e proferindo conselhos, lições de perseverança e dedicação ao esporte. Inúmeras vezes os medalhistas, em competições internacionais, são recebidos por autoridades políticas e homenageados, além de serem vinculados a campanhas institucionais e comerciais. Em torno desses homens e mulheres giram inúmeros discursos de saúde, beleza e comportamento, em suas imagens o esporte é personificado: nos uniformes, nas formas do corpo e nos movimentos executados.

O esporte e suas modalidades representam mais do que o simples movimento do corpo, mais do que gestos ao acaso, que dissecados por diversas áreas da ciência na busca da perfeição e da otimização da performance, ganham características que ultrapassam o campo da biologia e da fisiologia, transcendem os estudos do movimento como gesto mecânico, assim remetendo a questionamentos sobre a história cultural do movimento humano, dos esportes e das práticas corporais.

A grande centralidade e a visibilidade alcançadas pelo esporte na sociedade atual nesta pesquisa são tidas como construção histórica, realizada ao longo dos anos por diferentes homens e mulheres. Sujeitos que, ao seu tempo, através de sua participação, transformaram, construíram, estruturaram e, de certa forma, influenciaram na constituição do imaginário em torno do modo como entendemos e vivenciamos hoje o esporte.

Através desse estudo proponho um olhar sobre o esporte como prática social capaz de revelar representações do imaginário coletivo no que diz respeito aos sujeitos femininos e masculinos, mais especificamente a relação da mulher com o esporte através do tempo. Razão

pela qual, o recorte histórico que atravessa essa pesquisa vai da década de 1940 à década de 1970, período de significativa relevância na estruturação das práticas esportivas e nos reordenamentos de padrões culturais (no que se refere às mulheres) na cidade de Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Na década de 1940, de modo geral, o esporte feminino passou a ser mais praticado conquistando maior espaço nos clubes e escolas, além da crescente visibilidade social. Já os anos 50 foram marcados por mudanças na estrutura econômica na capital gaúcha, a crescente industrialização impulsionada pelo fortalecimento do capitalismo, a ascensão da burguesia como classe e o crescimento urbano modificaram os ares da cidade. Em consequência, surgem alterações no consumo, nas relações familiares e nas práticas de lazer, refletindo-se no modo de viver da cidade.

Em muitos países, durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres haviam saído dos espaços privados e ocupado postos no mundo produtivo e mesmo que indiretamente, no Brasil este comportamento teve desdobramentos. A participação mais efetiva das mulheres no espaço público gerou tensões entre padrões culturais mais conservadores e as novas tendências, fazendo com que as mulheres fossem protagonistas do redimensionamento de seus espaços junto ao público e ao privado, de maneira a despertar novas representações para o que socialmente seria adequado às “moças de família”.

No decorrer destas décadas as mulheres passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho, das práticas de lazer e da vida social, freqüentando clubes e expondo-se de modo a desconstruir a idéia de sexo frágil e fisicamente limitado. O corpo feminino buscava libertar-se das amarras socialmente impostas e, com a crescente aderência das moças aos esportes, principalmente praticados nos clubes da cidade, são percebidos discursos conflitantes:

por um lado o incentivo e a liberdade à prática de esportes, de outro lado a restrição a determinadas modalidades, vistas como menos adequadas ao corpo feminino.

Nesse contexto o voleibol foi identificado como um esporte indicado às moças. Sua prática foi impulsionada por um número considerável de competições de âmbito regional, nacional e internacional realizadas na cidade no período de 1940 a 1970.

Sob o ponto de vista do esporte como prática social e ciente de que, embora tenha adquirido centralidade na vida moderna, não é uma invenção do presente, busco através desse estudo reconstruir memórias do voleibol feminino no Rio Grande do Sul, reconstruindo histórias referentes às mulheres e às práticas esportivas como uma narrativa permeada de representações oriundas de discursos e imagens presentes no imaginário coletivo e capazes de migrar no tempo. Para tanto direciono minha atenção a dois pontos fundamentais: a contextualização da ascensão e difusão dessa modalidade esportiva junto às mulheres e a compreensão da relação entre os esporte e construção da diferenciação sexual.

O eixo teórico-metodológico a ser utilizado consiste na história oral, estando esse estudo integrado as atividades desenvolvidas pelo Projeto Garimpando Memórias: esporte, lazer, dança e educação física em Porto Alegre, realizado pelo Centro de Memórias do Esporte<sup>1</sup>.

A história oral como campo metodológico proporciona um diálogo entre a história oficial, os grandes acontecimentos e personagens, e o modo como foram percebidos e vivenciados no cotidiano de sujeitos que co-habitaram o mesmo tempo histórico. Nas entrevistas relativas a essa pesquisa foram reconstruídas memórias dos sujeitos que participaram da estruturação e ascensão do voleibol feminino nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, período que engloba a chamada

---

<sup>1</sup> Projeto que têm por objetivos: reconstruir histórias referentes ao esporte, ao lazer, a dança e a educação física através de depoimentos; organizar um acervo de história oral sobre os primórdios destas práticas; organizar um acervo visual através da gravação e posterior catalogação das entrevistas realizadas em fita cassete; além de reunir um banco de dados referente aos temas relacionados com os primórdios das práticas corporais e esportivas na cidade de Porto Alegre.



década de ouro do voleibol feminino (1965-75), até o início da década de 1980 quando o voleibol gaúcho perde grande parte de sua visibilidade.

Os depoimentos coletados e devidamente processados, constituíram-se como fontes históricas primárias e foram fundamentais para a estruturação da minha narrativa que se dá em constante diálogo com discursos e imagens publicados em jornais e revistas da época.

Para melhor elucidação do tema abordado e dos conceitos que orientaram meu estudo e análise dos dados, nas páginas seguintes constam os referenciais teóricos adotados - conceitos que embasaram e nortearam a realização da pesquisa - seguidos da análise das fontes, simultaneamente à narrativa.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 As práticas esportivas e suas histórias: reflexões para construção de uma narrativa.**

Através da história as concepções de sujeito em relação ao mundo social foram constituindo-se e modificando-se. No decorrer das décadas, diferentes relações foram sendo estabelecidas entre as práticas esportivas realizadas e suas representações no âmbito da cultura, podendo ser compreendidas como partes integrantes da vida cotidiana, como laços que atribuem significados a comportamentos, atitudes, imagens e discursos; refletindo a complexidade de significações, sentidos e valores pertencentes ao imaginário de homens e mulheres.

Estudar a história do esporte significa estudar a história do corpo em movimento através do tempo. A partir de uma compreensão do tempo como um processo, as rígidas segmentações cronológicas perdem o sentido, dessa forma são rompidas as concepções de perfeita alternância ou sincronia entre os padrões culturais que configuram e, por vezes, transpassam um determinado recorte temporal, sendo construídos e desconstruídos pelos sujeitos que nele viveram.

Segundo Sant'anna, (2001, p.105), os aspectos culturais são um ponto importante no estudo da história do corpo e dos movimentos corporais, uma vez que: “por ser a do corpo em movimento e a dos métodos e técnicas dirigidos a educá-lo, essa história é a dos encontros e das tensões existentes entre natureza e cultura, entre as particularidades de cada fisiologia e as singularidades de cada concepção científica.” Através da compreensão do movimento humano, enquanto prática social, são abertos espaços para jogos de linguagem e representações entre o corpo e a moral de cada indivíduo, sendo estes referentes a tempos históricos determinados.

Embora perceptível a evidência do esporte em nossa sociedade, poucos são os estudos e publicações que o compreendem como manifestação cultural, explorando a riqueza contida em sua estruturação e difusão. Em geral, as fontes tradicionais de consulta restringem-se a um modelo de história voltada ao registro de datas, grandes nomes e feitos como fundação de federações ou realização de competições. Para além de fatos como levantamento de quem inventou determinadas modalidades e/ou quando foi inventada ou trazida para o Rio Grande do Sul, busco com este estudo compreender o modo como a sociedade gaúcha apropriou-se desta manifestação na primeira metade do século a partir das memórias das pessoas que vivenciaram o período.

Os aspectos culturais permeiam os gestos, as atitudes e os comportamentos dos sujeitos e diferente do uso coloquial dado a essa palavra, não há indivíduos desprovidos de cultura, mas há modelos de cultura hegemônicos onde os aspectos valorizados se estabelecem a partir de manifestações elitistas historicamente instituídas.

Frente à cultura os sujeitos não deixam de possuir sua própria identidade, porém essa não é isenta do conjunto de práticas discursivas, dos valores e dos significados socialmente instituídos. Condutas desviantes dos parâmetros incitam comentários e, por vezes, anunciam mudanças nesses parâmetros. A história da mulher e dos esportes femininos é repleta de tensões, geradas entre a produção e o intercâmbio de significados. A repercussão é percebida nos discursos dos meios de comunicação e nas histórias contadas pelas protagonistas, no caso desse estudo, de uma década que simboliza as transformações e os conflitos emergidos entre os jogos de poder.

Neste estudo, a construção de uma narrativa histórica é compreendida como a constituição de um diálogo entre a história e a cultura, entre os espaços e as representações pertencentes a eles e por fim entre o tempo e as práticas relativas ao período estudado. Numa perspectiva histórica

pensada sobre a liberdade de métodos e fontes possíveis, Hunt (1992, p.22) afirma que: “[...] o uso da linguagem como metáfora ou modelo já deu provas de ser inegavelmente significativo e diria eu, crítico para a formulação de uma abordagem cultural da história.”

Ao longo dos séculos, muitos conceitos e representações foram criados para a palavra história, cada qual com seu conjunto de saberes, crenças, possibilidades, subdivisões e, sobretudo com especificidades de suas épocas e de seu contexto sócio-cultural.

Toda a concepção de história, mesmo que a do próprio termo história, traz consigo um universo de representações, fruto do imaginário do tempo onde foi descrita, na forma como era vista, escrita e/ou entendida. As concepções de história do início do século XX, ou a forma como a pensamos hoje é relacionada ao tempo em que vivemos e quando fazemos uso de citações de autores contemporâneos para legitimar reflexões pessoais reafirmamos o caráter da pesquisa histórica como um conhecimento em transformação, nunca baseado em concepções “estanques”, mas como um representante das mudanças nos paradigmas da ciência contemporânea. O que quero deixar claro com isto é nada mais do que a visão da história como um processo - embalado por fatos, opiniões, transformações e imerso de subjetividades e de aspectos culturais - em que sucedem a todo instante em nossa pequena vida privada ou na vida pública de grandes personagens.

Há que ter clareza que ao falar de história, estamos falando de homens e mulheres cuja ação cotidiana faz a história. Portanto, ao tematizarmos a Memória ou, se preferirmos, a história (análise da Memória com base nos mais diferentes referenciais teóricos e pontos de vista), tornamos mais amplas as possibilidades de entender as ações concretas desses seres humanos e suas construções no decorrer do tempo.(GOELLNER, 2000, p.192)

A história está presente em todos os tempos: presente, passado e futuro. Traços e marcas delas são perceptíveis influenciando nossas atitudes mais simples e nossas decisões mais

complexas, no modo como pensamos e agimos estamos sempre plenos de história, somos a história viva, somos parte da transformação, da mudança, da sucessão e do processo. E por sermos parte da história, ao pesquisá-la ou escrevê-la lidamos com nossos próprios valores, limitações, pré-conceitos e conceitos. Ao pensar e escrever sobre os fatos, de certa forma, pensamos e escrevemos sobre nós mesmos.

“Assim, podemos perceber que o trabalho com a memória [...] não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com muito maior segurança para o enfrentamento dos problemas atuais.” (Simson, 2001, p. 67). Pensar história e memória seria um encontro entre diferentes tempos e o modo como diferentes sujeitos viveram esses tempos. Segundo essa autora, as memórias subterrâneas ou marginais correspondem a versões sobre o passado de grupos dominados em uma sociedade.

Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergam e possam ser registradas, analisadas e passem, então, a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade.(SIMSON, 2001,p.64)

A coleta de memórias dos sujeitos que a seu modo construíram a identidade cultural de sua época e o estudo dessas memórias reconstrói histórias dando voz aos ditos “excluídos da história”, homens e mulheres que tornam acessível através de seus depoimentos, peculiaridades inacessíveis através de documentos.

Henry Rousso (1996, p.97) analisa a questão, vista por ele como ultrapassada, das diferenças entre história e memória a reconstruir um tempo que já não existe:

Primeiro porque é hoje pacífico (ou assim esperamos) que opor de um lado a reconstrução historiográfica do passado, com seus métodos, suas distâncias, sua pretensa

cientificidade, e de outro as reconstruções múltiplas feitas pelos indivíduos ou grupos faz tão pouco sentido quanto opor o “mito” à “realidade”.

Escrever história ou histórias a partir de memórias não pressupõe um conflito ou uma rígida hierarquização das fontes quanto a sua legitimidade. Nessa perspectiva, o conceito de verdade é substituído pela verossimilhança e os depoimentos, devidamente coletados e processados, tornam-se documentos históricos tão passíveis de lacunas e esquecimentos quanto os documentos utilizados pela historiografia oficial. A narrativa histórica pressupõe riscos na medida em que assume o universo cultural em que está inserido. “Escrever história é mais do que realizar uma exposição de achados pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos presentidos na escrita.”( Nunes 1996, p.24).

A ação de escrever história, a história da memória, funde-se à compreensão da cultura como memória, a *cultura é memória* e fornece o que Simson (2001, p.64) denomina de *filtros* com os quais os sujeitos exercem suas escolhas determinando o que será guardado e o que será descartado.

Na história oral esses “descartes” podem manifestar-se no “não dito”, no silêncio frente a determinadas questões ou simplesmente em respostas negativas quando nos referirmos a interpretação de comportamentos à luz do presente, à luz dos padrões e valores culturais da sociedade atual. Esses silêncios configuram as entrelinhas nas quais determinados fatos importantes ao estudo podem ser sonegados por serem julgados irrelevantes pelo entrevistado, dentro de uma lógica de naturalização.

A memória, enquanto objeto de estudo, traz consigo um universo de sensações, alegrias, tristezas e frustrações, tornando mais presentes a pulsação e a emoção que compõem a narrativa de um tempo que o historiador e o leitor podem não ter vivido, e no qual envolvem-se através de estranhamentos e questionamentos, tornando-se, de algum modo, cúmplices destes personagens

que relatam suas histórias de vida, suas experiências e seu modo de ver e interpretar a realidade vivida.

Mais especificamente no que diz respeito à história oral, Lozano (1996, p.16) afirma: “A história interessou-se pela “oralidade” na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas.”

Na história do esporte e da educação física brasileira Mello (1999, p.73) realça a importância de estar atento as possibilidades de fontes a serem usadas, como tudo o que se presta a contar a história, todos os vestígios que possam auxiliar a ampliação da compreensão histórica, não afirmando com isso que obras consagradas não se prestem ao estudo de nossa história ou que o uso do documento é dispensável.

Assim, é fundamental a compreensão do recorte temporal e da seleção das fontes como um processo a se desenvolver não a priori, mas como uma reflexão constante e permanente durante a realização da pesquisa.

No estudo da história das práticas esportivas e da educação física na cidade de Porto Alegre, limitado é o número de pesquisas realizadas, porém diversas são as possibilidades de fontes de pesquisa para o desenvolvimento de estudos. Aqui cabe elucidar minhas opções referentes às fontes de pesquisa que perceptivelmente passam pela utilização da história oral, ou seja, pela coleta de depoimentos das personagens que participaram ativamente do cotidiano esportivo da cidade e vivenciaram a estruturação das práticas esportivas e corporais, no que se refere às mulheres – jogadoras, treinadoras e professoras.

A coleta de depoimentos destas mulheres remete a uma experiência interior e individual do tempo, sua significância histórica situa-se na relação estabelecida entre o eu e o outro.

Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do *outro*; e muitas vezes, a *anamnesis pessoal* é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações colectivas – comumente reavivadas por liturgias de recordação – lhes dá sentido.(CATROGA, 2001, p.45)

A memória como fonte transcende a barreira da biografia ou da singularidade das experiências relatadas. Para Rousso (1996, p.94), “A memória,[...], é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”

No decorrer da pesquisa as reportagens de jornais e revistas da época pesquisada trouxeram discursos e imagens riquíssimas e busquei inseri-las na narrativa como representações do contexto histórico. O diálogo estabelecido com estas fontes complementou e incitou remodelamentos nos roteiros de entrevistas, bem como despertou questionamentos sobre o olhar lançado sobre a mulher no esporte. Se nas fontes orais temos a voz feminina como protagonista, na análise dos discursos e imagens dos meios de comunicação de massa localizei a voz masculina. As reportagens e fotos eram produzidas por homens, logo estão impregnadas de suas visões quanto à relação mulher e esporte.

No tratamento destas fontes compreendi o texto das reportagens como discurso, sendo analisado sob a mesma perspectivas das fontes orais, quanto às imagens, foi necessária a busca de bibliografia pertinente para sua análise.

Pensar sobre o olhar que, por trás da lente, registrou, recortou determinada cena em detrimento de outra ou até produziu e possivelmente orientou a postura das personagens frente a câmera, instiga a perceber os silêncios, as ausências que convergem para o diálogo com a análise



dos discursos. Agregar a iconografia<sup>2</sup> na construção da narrativa significa ver a imagem e ver além dela. Para Paiva (2002, p.17): “A iconografia é certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada.”

No que diz respeito às mulheres, alvos das fotografias captadas por homens, mais um elemento deve ser acrescido para análise:

Las mujeres son representadas de un modo completamente distinto a los hombres, y no porque lo femenino sea diferentes de lo masculino, sino porque siempre se supone que el espectador “ideal” es varón y la imagen de la mujer está destinada a adularle.”(BERGER,1974, p.74)

Assim, as imagens das mulheres registradas ao longo da história nos contam do olhar masculino sobre seu corpos e atitudes. Para Almeida (2001) as imagens são textos, elas podem ser lidas em relação a seus significados. A iconografia neste estudo é pensada como fonte na medida que sua leitura é realizada no tempo e no espaço conjuntamente aos discursos. Os olhares e palavras sobre o feminino são buscados nas imagens e discursos como formas de representação, como o modo pelo qual os indivíduos percebiam e pautavam o real. Cabe ressaltar que suas ações eram influenciadas e influenciavam, num processo contínuo, este sistema explicativo do real.

O conceito de representação utilizado alinha-se aos estudos de Chartier (2002), analisando variações e discordâncias situadas no interior dos sistemas de normas de uma sociedade. Deste modo, a ordenação de uma estrutura social resulta de uma luta de representações pertencentes a ela, em um processo dinâmico que reflete estratégias simbólicas atuando na construção da identidade de um determinado grupo.

---

<sup>2</sup> Iconografia é entendida neste estudo como o que significa a imagem registrada e o que é representado através dela.

As representações da realidade situam-se em um limite tênue entre o mundo real e o modo como os homens e mulheres o significam e interagem entre si, logo, a representação pode ser turvada pela imaginação criando ou recriando a realidade. Para Chartier (2002, p.75) este é um ponto onde a representação transforma-se em “uma máquina de fabricar respeito e submissão”, um instrumento de produção de imposições interiorizadas.

No que diz respeito às práticas esportivas socialmente adequadas às mulheres, as representações tomadas por realidade baseavam-se nos discursos médicos e científicos relativos a época e circulavam no meio social de forma a serem, freqüentemente, reafirmados nas ações das esportistas. A luta de representações acontecia à medida em que os espaços de participação ampliavam-se e novos espaços eram criados, o que comumente era entendido como uma espécie de ameaça ao papel social da mulher historicamente vinculado ao lar e à maternidade.

No que se refere às mulheres, as representações sobre a condição feminina são interiorizadas por elas a partir de discursos masculinos. À luz das palavras dos homens as representações de inferioridade e fragilidade feminina inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de ambos (CHARTIER, 2002, p.96).

Ao estudar o universo das práticas esportivas femininas, a menção à diferenciação sexual complementa a análise e por vezes se torna protagonista. O entendimento de gênero baseia-se em Scott (2002) o compreendendo como um discurso historicamente construído sobre a diferença dos sexos e que se refere aos constitutivos das relações sociais evidenciados por instituições, estruturas e práticas cotidianas e não apenas às idéias. Numa sociedade o modo de pensar de homens e mulheres é interrelacionado com uma organização da diferença sexual; ele não se direciona exclusivamente à diferenciação biológica, mas constrói a diferença.

Para compreender a história da mulher gaúcha no esporte, mais especificamente no voleibol, torna-se fundamental abordá-la a partir do meio que a produziu, assim como deve ser

relacionada com os princípios que o ordenam e controlam. Contextualizar historicamente, através de memórias das personagens e da análise da mídia impressa, as diferenciações de comportamentos entre sexos, propicia a desnaturalização da suposta hierarquia de base biologicista presente até hoje, em diferente escala. As divisões do mundo social entre homens e mulheres, existentes de longa data, foram construídas e significadas no âmbito do esporte pelas representações e práticas ora consentidas, ora conquistadas pelas mulheres.

A composição e o entendimento do “recriar” aspectos da vida cotidiana tem na organização das fontes a opção por um método para o uso das ferramentas possíveis em nome de uma história mais completa. Conta com a compreensão de um conceito de história onde o pesquisador dialoga com suas concepções, com seu objeto de pesquisa. Para Jacques Le Goff (s.d, p.89): “A vida cotidiana em si não seria uma ciência, mas vem a enriquecer a investigação histórica.”

A subjetividade presente nas práticas esportivas relaciona-se com o cotidiano da cidade, dos sujeitos e com as transformações dos valores culturais, deixando transparecer, na análise dos discursos, a importância do estudo da história da educação física, do esporte e das práticas corporais como elemento constituído e constituinte de padrões culturais.

## **2.2. Tratamentos das fontes orais.**

A coleta e análise dos depoimentos foram realizadas com base nos procedimentos adotados pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), instituição vinculada a Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. As fases de elaboração e planejamento das entrevistas são subdivididas em:

- Identificação dos sujeitos: levantamento de nomes e contatos relevantes ao tema pesquisado;
- Elaboração do roteiro: pesquisa prévia realizada com enfoque voltado aos temas relevantes à entrevista e sobre a história de vida do entrevistado em relação ao esporte;
- Agendamento da entrevista: primeiro contato com o entrevistado, pressupõe a exposição dos objetivos da pesquisa, além do agendamento do local, data e horário a ser realizada a entrevista;
- Realização da entrevista: são dois entrevistadores, um a conduzir as perguntas, outro a coordenar os procedimentos técnicos, como a preparação do gravador, a colocação das fitas cassete e a realização de anotações e observações junto aos procedimentos e ordenamento das fitas cassete;
- Transcrição: processo que inclui a escuta e digitação fiel do depoimento concedido;
- Cópia de fidelidade: posterior a transcrição, o pesquisador escuta a gravação do depoimento conferindo a fidedignidade junto à transcrição realizada;
- Pesquisa: apuração de nomes e datas citadas no depoimento, procedimento seguido de correções feitas em nota de rodapé, com objetivo de dar maior verossimilhança às informações colhidas;
- Copidesque: conferência final em relação a gravação, digitação e pesquisa; realiza pequenas correções na linguagem coloquial a fim de torná-la mais acessível à leitura;
- Carta de cessão dos direitos autorais: documento assinado pelo entrevistado onde são cedidos os direitos autorais e a propriedade do depoimento.

Por integrar um Projeto mais amplo, o Projeto Garimpando Memórias, do Centro de Memórias do Esporte, vinculado a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as entrevistas realizadas foram catalogadas e disponibilizadas para consulta.

Criando, dessa forma, um banco de depoimentos orais referentes a temas relacionados aos primórdios das práticas corporais e esportivas na cidade de Porto Alegre.

### **3. O ELEGANTE ESPORTE DA REDE<sup>3</sup>: MEMÓRIAS DA ESTRUTURAÇÃO DO VOLEIBOL FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL**

O voleibol chegou no Rio Grande do Sul no início do século XX através da Associação Cristã de Moços (ACM) e nos anos seguintes passou a ser praticado em alguns clubes porto-alegrenses nos quais formaram-se as primeiras equipes masculinas e femininas. No período posterior à Segunda Guerra o voleibol teve ampla difusão pelo mundo e no Rio Grande do Sul estes anos foram marcados por uma grande projeção, principalmente no que diz respeito à aderência das moças a este esporte. Para melhor compreender sua chegada, difusão e apropriação por parte da sociedade gaúcha da época, convido o leitor a dar um passeio pela história, que se inicia nos Estados Unidos com a invenção da modalidade.

O voleibol surgiu em 1895, através do basquete um esporte criado anos antes pela Associação Cristã de Moços (ACM) nos Estados Unidos, e que segundo Marchi Jr (2000, p.575) “Era o esporte dominante da época, porém era considerado muito cansativo e de energéticos contatos para homens de idade mais avançada.”. Assim um esporte sem contato físico e de movimentos mais lentos e suaves foi criado para corpos mais debilitados e com menor vigor físico: o voleibol. Esta nova modalidade teve boa aceitação na sociedade norte-americana e não tardou em ser incluída no programa de educação física escolar, além de ser bastante praticada pelas Forças Armadas dos Estados Unidos – fato que contribuiu para difundi-lo pelo mundo na Segunda Guerra.

Em Porto Alegre, o voleibol chegou em 1918, tendo sua prática adotada pela Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) em 1926 e pelo Grêmio Náutico União (GNU) na década de 30. Neste período a organização do esporte cabia a Liga Atlética Porto-Alegrense

---

<sup>3</sup> Expressão retirada da pesquisa realizada nos jornais de época.

(LAPA), de âmbito municipal. Em 1927, dois anos após sua fundação, a LAPA deu origem a Liga Atlética Rio-Grandense (LARG), que, se estendendo a todo estado, promovia as modalidades atletismo, basquetebol, voleibol e esgrima.

Mais tarde, em 1941, a LARG passou a ser denominada FARGS, Federação Atlética Rio-Grandense, através do decreto lei promulgado no governo de Getúlio Vargas que oficializava o desporto no Brasil passando a denominar as ligas (de abrangência estadual) de federações.

O voleibol figurava entre as primeiras modalidades vinculadas a instituições que promoviam o esporte o que, pode-se supor, aumentava sua visibilidade, e com ela as competições. Um exemplo de uma das primeiras competições pode ser indentificado em 1938, quando a Liga de Defesa Nacional, passou a patrocinar, paralelo ao “Desfile da Mocidade”, uma manifestação de patriotismo realizada anualmente na semana da pátria, intitulada “Torneio Feminino de Voleibol”. (HOFMEISTER, 1996 p.170). Ao que tudo indica, este torneio teve grande relevância na difusão da modalidade por incluir as escolas, além dos clubes.



Imagem 1: Equipes do Torneio Feminino de Voleibol em 1943 (Acervo CEME)

As competições foram importantes para a visibilidade do voleibol, incentivo às jogadoras, e a aderência de novas praticantes. Especialmente no “Torneio Feminino de Voleibol”, havia

aproximação do voleibol em relação a educação física feminina escolar. Na década de 1940 outras competições foram criadas e o voleibol consolidou-se rumo a década na qual teve maior ascensão, 1950.

Olga Valéria Kroeff Echart, aluna da primeira turma da Escola Superior de Educação Física, e posteriormente professora da disciplina de voleibol na Escola, relata: “[...]o voleibol para mim surgiu aqui principalmente a partir, já a partir de 40, já jogava aquela coisa, mas que ele surgiu mesmo, foi a partir de 50, aí que ele surgiu, abriu.” (CEME, 2004). Para entender melhor este cenário e retomar sua discussão posteriormente abri um espaço neste trabalho para reflexões que tangem o tema de estudo numa tentativa de recriar a Porto Alegre da época.

Estudar o voleibol no Rio Grande do Sul foi um desafio na medida em que exigiu a busca e o agrupamento das fontes existentes além da compreensão do imaginário da época em que ele se desenvolveu, assim o recorte temporal deste estudo de 1940 a 1970 foi delimitado no decorrer do estudo. Posso dizer que o objeto de estudo foi quem demarcou este recorte. Para tanto, tomei como fundamental, num primeiro momento, pesquisar e discutir a cena em que estas personagens estavam inseridas. Qual era o ambiente sócio cultural e político de que o esporte e, principalmente, as mulheres eram parte integrantes e transformadoras?

### **3.1 As práticas esportivas e as mulheres: um passeio no espaço e no tempo.**

Saio agora do ambiente exclusivo do voleibol feminino e faço um passeio pela história. Para melhor compreender as práticas esportivas, principalmente o voleibol feminino no cotidiano



da capital do estado, é necessário compreender as transformações que configuram e contextualizam a adesão, principalmente na década de 1950, das moças a este esporte. A relevância da narrativa consiste na convergência e acentuação do diálogo entre as personagens centrais do tema pesquisado: as moças e o voleibol. Um diálogo que ao longo dos fatos históricos pesquisados intermedia as relevantes mudanças ocorridas na definição dos espaços da mulher na sociedade em relação ao lazer e ao esporte.

No início do século XX, no Brasil, uma nova visão em relação às práticas esportivas, corporais e a educação física começa a tomar forma calcada nos ideais da medicina higienista. Soares (2001, p.101) observa: “É possível apreender neste discurso médico a visão funcional que é atribuída à educação física na construção da ordem imposta pelo capital, uma vez que os corpos ágeis passavam a ser uma necessidade.” A saúde da sociedade brasileira e o melhoramento da raça estavam na visão dos autores da época diretamente ligados aos exercícios físicos. Assim integrando a saúde e a educação, a posição da mulher toma evidência por sua função social de gerar os novos cidadãos, para isso a ela deveriam ser aplicados os saberes científicos na sua preparação a esta tarefa de importância biossocial.

Os exercícios físicos eram aconselhados para as “futuras mães”, porém com alguns cuidados por serem estas pensadas como sexo frágil. A exemplo disto a legislação de 1941 (decreto-lei n. 3199), que norteava a prática de esportes para as mulheres proclama: “Às mulheres não se permitirá à prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]”.

Já na década de 1950 a discussão ultrapassava o âmbito das práticas esportivas e corporais como objeto de medidas legislativas e políticas, voltando nosso olhar para questões relativas a aspectos sócio-culturais, que falem do espaço a ser ocupado pela mulher na sociedade.

A década de 1950 ou, como são comumente referidos, os “Anos Dourados”, segundo Pesavento (1999, p.133) foi um período qual a burguesia consolidava-se como classe social e

onde o capitalismo, o nacionalismo e a industrialização foram observados como palavras de ordem e a reger as transformações sociais. Nesse período, Porto Alegre apresenta, cada vez mais, características urbanas e com elas emergem mudanças no seu cotidiano. “As classes médias urbanas e burguesia passaram a viver a euforia do momento embaladas pelo sonho dos “anos dourados”: desfiles de misses, concursos de beleza, festas no Clube do Comércio.”

Dulac (2002, p.59), ao estudar os discursos presentes na revista “O Globo” (periódico publicado em Porto Alegre) na década de 1950, refere-se às transformações, que ocorriam na cidade no período da Segunda Guerra e no pós-guerra como sendo a urbanização e a industrialização, e apoiadas nelas as alterações: no consumo, nas relações de trabalho, na educação escolar e na vida familiar, de maneira a refletir-se no modo de viver da cidade em geral.

Essa industrialização sem precedentes também trouxe consigo a ampliação do acesso às práticas de lazer, as quais juntamente com as novas formas urbanas observadas na capital, possibilitaram a redefinição dos padrões culturais, um dos reflexos dessa mudança pode ser evidenciado na participação mais ativa das mulheres na vida social da cidade.

Ao discutir essa questão, Louro (1987, p.45), aponta o final da década de 1940 como um período de muitas transformações na imagem feminina, visto que a guerra havia imposto mudanças significativas no campo do trabalho fazendo com que muitas mulheres assumissem diferentes postos no mundo produtivo. “Elas haviam substituído os homens nas fábricas, no campo, nos hospitais, no comércio; haviam assumido até mesmo cargos de chefia e algumas tinham sido suas companheiras nas forças armadas.” Bassanezi (1997, p.608) complementa afirmando que:

Se o Brasil acompanhou, a sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina - impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico - , também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.

Assim, a década de 1950 inicia sob a tensão gerada por diferentes representações de comportamento atribuídas às mulheres; tensões geradas por exemplo a partir das interações no âmbito dos espaços públicos e privados. Com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, na educação, nas práticas de lazer e na vida social da cidade de um modo geral, começaram a ser desconstruídas as imagens de um sexo frágil e fisicamente limitado.

A mídia desempenhou papel importante nesse período: as novelas do rádio, a influência do cinema americano no comportamento dos jovens, as diversas revistas editadas para o público feminino representavam e discutiam os reordenamentos na divisão dos espaços no âmbito do masculino e do feminino. Em relação a Porto Alegre relata Sandra Pesavento (1999, p.133): “Estava-se no tempo da “brotolândia” e de influência da cultura americana nas manifestações da juventude da época.”. Para Louro (1997, p. 45) os vários meios de comunicação formadores de opinião nesse momento são de grande relevância ao reverem a figura ideal de mulher para além da dona-de-casa e mãe.

### **3.2. Moças voleibolistas<sup>4</sup> em destaque.**

---

<sup>4</sup> O termo voleibolista resulta da pesquisa em jornais da época, onde freqüentemente as moças que jogavam voleibol eram referidas como voleibolistas.

No final da década de 1940 e início de 1950, as moças passaram a freqüentar mais os espaços públicos e participar das atividades de lazer, o que repercutiu diretamente na representação acerca de seu comportamento.

As práticas esportivas e corporais para as moças, além de realizadas nas escolas, passam a fazer parte do cotidiano dos clubes. O número de moças a exercitarem seus corpos aumentava, sendo que as modalidades mais praticadas em Porto Alegre, segundo dados extraídos de jornais e entrevistas realizadas, são o atletismo, a esgrima, o tênis, a natação e a ginástica. No âmbito dos esportes coletivos o voleibol, um esporte ensinado nas escolas, que se fortaleceu nos clubes quando estes passaram a criar o departamento de voleibol e formar equipes para participar e organizar competições.

Elena Bins Live (2004), uma das primeiras jogadoras de referência nacional, iniciou na década de 1940 e no início da década de 1950 abandonou as quadras, sobre a estruturação do voleibol ela relata: “Nós na Sogipa praticamente só tínhamos dois times completos, mas depois mesmo antes do sul-americano, aí já tínhamos três, quatro times jogando.” Ela também conta que a principal competição entre clubes no estado era o campeonato citadino - que em 1945 passa a ser chamado campeonato estadual - do qual participavam: YMCA (atual ACM), Sociedade Ginástica Navegantes São João e Sogipa, os quais competiam com mais de uma time para que mais moças pudessem jogar.

Com forte influência dos clubes, esportivos e ginásticos, as moças e também os rapazes porto-alegrenses que os freqüentavam, adotaram o voleibol, difundindo a modalidade



Imagem 2: Equipe da Sogipa campeã de voleibol da cidade 1942  
(HOFMEISTER 1987, p.127)

Após a Segunda Guerra, o voleibol se fortalece mundialmente com a unificação das regras pela fundação da Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Em Porto Alegre, a Federação Gaúcha de Voleibol (FVG) emancipou-se da Federação Atlética Rio-grandense (FARGS), entidade que promovia as competições de todos os esportes na cidade e estado, sob o argumento de desenvolver mais esse esporte pois a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) estaria, então, despendendo demasiada energia e investimentos financeiros à prática do futebol deixando de lado o voleibol.

Na ata de fundação da Federação Gaúcha de Voleibol, consta o depoimento de seu então presidente, Cláudio Coelho Braga, frisando “[...]ser favorável a especialização do Volley-ball, porquanto a C.B.D. dedicava-se quase que exclusivamente ao futebol profissional, salientando diversas irregularidades na sua administração, contribuindo assim, para aumentar os déficits havidos em competições amadorísticas.” (FGV, ata de fundação, 27/09/54)

O voleibol deste período é visto como essencialmente amador o que é reconhecido também pelas praticantes dessa modalidade esportiva. Segundo depoimento de Diná Petenuzzo Santiago (2002): “[...], e os primeiros momentos do vôlei *extremamente* amador e um voleibol totalmente artesanal - vamos assim supor - com a vontade só e os treinadores também, com o conhecimento que eles tinham.” Diva Santiago Corrêa (2002) comparando o voleibol do período que começou a jogar, 1950, com o de hoje relata o mais importante aspecto de diferenciação: “O físico, porque elas são bem mais trabalhadas do que a gente era; então a mudança está aqui: elas são atletas.”

Quanto à estrutura e apoio financeiro nos depoimentos é recorrente as jogadoras contarem não dispor de auxílio, exceto para as viagens em que disputariam jogos. O apoio e incentivo a prática se davam no âmbito da família. Vera Dallegrave (2004), jogadora da década de 1940, nos conta: “Não ganhava tênis, nem uniforme, nem nada e o pai, também a gente era assim: Ah, hoje vocês ganharam vou pagar uma guaraná para vocês! Olha era uma, duas ou três vezes por ano que a gente ganhava uma guaraná.”

Referente ao abandono do amadorismo no voleibol brasileiro um novo ânimo é dado pela fundação da Confederação Brasileira de Voleibol em 1957. Mesmo assim é necessário ter cuidado em afirmar sua fundação como marco, pois competições nacionais e internacionais já eram realizadas antes disto. Em 1951 acontece o primeiro campeonato sul-americano no Rio de Janeiro, tendo na seleção campeã uma jogadora gaúcha. No Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, no início da década de 1950, acontece o Campeonato Brasileiro de Voleibol.

Eu me lembro assim que o meu ideal de vôlei foi em 52, nós vínhamos de um Campeonato Brasileiro que se realizou aqui em Porto Alegre, lá em... lá no Colégio Batista, que lá era um ginásio que havia. O resto era tudo ao ar livre. E aí foi um

Campeonato Brasileiro e aquilo e aí eu fui lá ver e tinha a Elena Bins que jogava, que a Elena Bins era assim o *máximo*, foi meu ideal nessa época que eu... que eu comecei a jogar e me interessar pelo vôlei. (CORDAL, 2003)

Desta forma os indícios apontam para um clima de entusiasmo por este esporte, na capital e no estado, refletido na organização de competições e na repercussão das mesmas. Conforme observado nas entrevistas realizadas, este entusiasmo também teve desdobramentos em relação a ampliação das possibilidades a prática de esportes pelas mulheres. A partir das equipes de voleibol dos principais clubes surgiram as equipes de basquete e no final da década de 1950 as jogadoras, que disputavam as competições de voleibol, em maioria integravam as equipes de basquete.

Magda Burger Rive (2004), quando questionada sobre optar pela prática do voleibol e não de outro esporte na sua infância na cidade de Taquara alega: “O vôlei porque é como eu te disse foi no colégio, no colégio lá em no interior do estado. E era o que se jogava.” Magda também fala de sua família e do apoio de sua mãe quando ela começou a se dedicar ao voleibol e através dele ao basquete: “A mãe que era contra. Achava que o basquete era muito bruto. E que não era esporte para as mulheres. O vôlei, vôlei ela achava bonito.”

O voleibol, pode ser visto como um marco no esporte feminino gaúcho tanto por atrair as moças que possuíam trajetórias no esporte em outras modalidades, como por abrir caminho para que as elas se apropriassem de outras modalidades como o basquete.

A característica de não especialização em uma modalidade levava a situações peculiares da época como as convocações de jogadoras para seleções de diferentes modalidades para competições, por vezes, a serem realizadas no mesmo período. Como é o caso de Diva Santiago Corrêa (2002) em 1961: “Em 1960, eu fui convocada para duas seleções de vôlei e para a seleção de basquete brasileira, mas eu não fui participar porque a minha mãe achava que não. “ Não dá...Isso não é possível... O ambiente: não sei...”

Outro exemplo é Magda Burge Rive, em reportagem na qual foi homenageada, pelo Jornal Correio do Povo em 10 de junho de 1984: “Foi campeã da cidade e estadual de vôlei, teve seu nome lembrado para integrar a seleção brasileira deste esporte e como jogadora de basquete conquistou um vice-campeonato brasileiro e foi convocada quatro vezes para a seleção brasileira.”

Recorrente na história não só do voleibol, mas do esporte feminino a não dedicação exclusiva das atletas a uma modalidade causava grande visibilidade a elas nos meios de comunicação de massa na época, além de gerar situações atípicas se pensadas à luz do tempo presente. Como exemplo Margot Ritter da Costa (2004) relata como foi sua escolha para com as modalidades as quais dedicava-se e suas mais importantes convocações:

Eu disse eu não quero mais saber disto aí, então larguei a ginástica e de fato eu estava ficando muito grande porque ginástica a pessoa tem que ser pequeninha e eu já estava muito jerivá então já nem dava para a ginástica. Então me dediquei mesmo ao voleibol e ao basquete e atletismo, deixei a ginástica. [...] É eu acho que a mais importante foi esta, jogar em 56 no mundial em Paris com a seleção brasileira, o sul-americano em São Paulo também, mas aí foi de atletismo e basquete eu fui convocada, mas eu nunca fui para a seleção, eu não aceitava na época e tinha mais o vôlei e tinha mais o atletismo, então já não dava não encaixava.

A década de 1950, em especial chama atenção pelo número de eventos esportivos realizados no estado, alguns deles: os Jogos Universitários Gaúchos, os Jogos Universitários Brasileiros em Porto Alegre em 1956, além da cidade ser a sede do Campeonato Brasileiro de Voleibol de 1952, do Campeonato Sul-americano de Voleibol em 1958 no novo estádio da SOGIPA e dos Jogos Mundiais Universitários (Universíade) em 1963, ocasião onde a equipe brasileira de voleibol feminino contou com a presença de cinco gaúchas e conquistou a medalha de ouro. Neste período passam a ser mencionadas, com mais frequência, outras cidades do estado que participavam das competições estaduais de voleibol como Santa Cruz do Sul, Passo Fundo,



Santa Maria, Pelotas, Novo Hamburgo e São Leopoldo, porém a supremacia do voleibol da capital era evidente na conquista dos títulos.

Nacionalmente o voleibol feminino gaúcho destacava-se, seja pela constante convocação de jogadoras gaúchas para seleção brasileira, ou pelos resultados obtidos em competições nacionais como os campeonatos centro-sul brasileiros, no qual a seleção gaúcha foi campeã por dois anos consecutivos. A posição do voleibol rio-grandense entre os melhores do país pode ser comprovado em alguns depoimentos, como o de Ziná Bittencurt (2004), jogadora do estado do Paraná no mesmo período, referindo-se a conceituação da equipe gaúcha nas competições nacionais:

Era Minas, Minas elas era medonhas, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, elas eram muito altas, nosso time não era [palavra inaudível] é nós tínhamos uma altura média, as gaúchas muito altas, mulheres de um metro e setenta e cinco, um metro e oitenta...Karin, a Karin são da seleção. E o Rio de Janeiro também tinha um time muito bom, São Paulo também, nós sempre do quinto lugar para baixo, do quinto lugar para baixo.



Imagem 3: Seleção gaúcha no Campeonato Brasileiro de Voleibol em 1954 (Acervo CEME)

Referente ao desempenho das gaúcha nas quadras, as reportagens dos jornais da época continham imagens e textos que faziam referências a “brilhante” competência técnica da equipe, porém estavam sempre atentos para através desta afirmativa não negar a feminilidade das moças. A fotografia da seleção que disputou o campeonato brasileiro em São Paulo aponta para o modo como comumente eram representadas as jogadoras, deste a elaboração do posicionamento frente a câmera, em relação a montagem da imagem, até a apresentação das personagens no que diz respeito a roupa, ao cabelo e demais cuidados com o corpo relacionados a feminilidade.

A entrada das moças no esporte era festejada pela imprensa, o que ao mesmo tempo que as incentivava para carreira esportiva, gerava desconforto pela sua excessiva exposição. Os treinamentos faziam com que elas saíssem de casa para ir aos clubes de modo freqüente, com isso numerosas vezes elas acabavam por abandonar os afazeres do lar. Alguns relatos falam dos treinos serem a noite, em determinados anos, por motivo de várias jogadoras trabalharem ou estudarem durante o dia. Tudo isso fazia que a aceitação por parte da família para com esse modo de vida fosse um tanto conflituosa. No depoimento de Karin Ingrid Süffert de Cordal (2003), ela reconstrói conversas que seus pais tinham, quando ela solicitava permissão para ir aos treinos: “Né, então, o pai sempre era um pouquinho mais... E a mãe sempre fazia força para gente poder fazer as coisas! “Mas deixa...”, falava. E o pai dizia: “Tá, deixa.”

As entrevistadas em geral são de famílias alemãs, assim como a maioria das esportistas daquela época, este fato se deve a valorização dos exercícios físicos como parte da cultura teuto-brasileira. Isso se traduz no apoio dos pais de forma mais efetiva para que suas filhas exercita-se, como relata Margot Ritter da Costa (2004):

[...] eu comecei inclusive a caminhar dentro da SOGIPA, porque a gente morava do outro lado, praticamente, era só atravessar um campinho e já estava lá dentro da Sogipa,

meu pai e mãe eram atletas também então eu passava ali dentro, então desde de pequinhinha eu estava ali junto com o pessoal do esporte.

Os pais, os irmãos e a escola são as personagens de maior influência, ou pelo menos de influência mais direta para o início da vida esportiva: “Foi meu irmão que achou que a gente devia praticar algum esporte. Ele era um pouco mais velho que a gente e fez com que o pai entrasse de sócio no União, para que a gente tivesse uma sociedade esportiva, social para frequentar.” (CORRÊA, 2002).

A presença e apoio da família também acontecia através da assistência e prestígio aos jogos e em função desta presença física zelarem pelas suas moças. Diná Pettenuzo Santiago (2002) relata sobre sua família: “A minha mãe também, se ouvia falar de nós – ela ia para torcida – daqui a pouco um falava de nós, ela pegava um guarda chuva para dar na pessoa; se levantava da arquibanda, “quem foi que falou da minha filha?” – isso ficou famoso.”

Quanto às escolas, o ensino de voleibol nas aulas de educação física contribuía para a difusão do voleibol entre as alunas, no depoimento de Elly Rau Fritsch (2003) ela relata sua iniciação esportiva na década de 1940:

Eu...comecei no colégio com o professor Arnaldo Capra, ele nos passou assim todos os esporte ele era muito interessado e daí eu fui gostar...gostei do vôlei e ele achou que eu podia jogar melhor e ele: “Quem sabe tu não queres jogar em uma sociedade?”

A resposta de Elly foi afirmativa como a de muitas moças que a partir do aprendizado na escola destacaram-se e foram convidadas a jogar nos clubes. Outro relato de iniciação esportiva é de Cloé de Fontoura Osório (2003), ela reconstitui um pouco de sua vivência escolar em relação a educação física e atenta para o caráter de integração, através de competições de

voleibol, entre os colégios, o que leva a crer que esta era uma modalidade bastante difundida na educação física escolar e figurava na programação de festividade na década de 1930:

Então eu me lembro que uma ocasião foi muito bom porque nós jogamos voleibol intercolegial então nós tínhamos, cada colégio tinha seu, o seu colégio masculino que torcia, para nós torcia era a escola preparatória de cadetes, hoje é escola militar, né! Para o Americano era o Anchieta e para o Sèvigne era o Rosário e tinha um outro colégio que eu não me lembro qual é. E nós ficamos campeãs então foi um baile com vestido comprido e tudo com eles uniformizados de gala, foi maravilhoso “ãh”!

O conteúdo da educação física escolar, que era ministrada em aulas separadas por sexo, oferecia opções restritas de práticas, sendo que, em geral, para as meninas os exercícios calistênicos, o jogo de caçador e o voleibol eram as atividades oferecidas. Com o surgimento da Escola Superior de Educação Física, novas professoras foram formadas, muitas jogadoras de voleibol cursaram a Escola e por terem afeição ao esporte o difundiram ao lecionarem em escolas e colégios.

As mulheres que se encantavam por práticas esportivas, pessoalmente ou profissionalmente, incitavam ao questionamento de uma série de valores, contribuindo com uma nova forma de pensar a mulher no espaço social. As relações de gênero estavam sendo abaladas, abria-se um canal de diálogo constante entre os conceitos de feminino e o masculino, sobre a construção das identidades de gênero em contraponto ao sexo.

Ao repensar essas construções, Goellner (2001, p.216) ressalta não ser o sexo (biológico) o único fator a estabelecer as diferenças existentes entre os homens e as mulheres, mas também aspectos sociais, históricos e culturais. A construção do masculino e do feminino rompe dessa maneira com os determinismos biológicos, que atribuem através das diferenças corporais papéis adequados a um sexo ou a outro.

As mudanças no comportamento feminino aproximavam-se de conceitos mais amplos de entendimento das relações de poder estabelecidas referentes à diferenciação sexual. Fazendo uso das palavras de Agripino Júnior (2003, p.49) “[...] gênero assume o sentido de representar a construção social e histórica dos sexos, enfatizando-se ao mesmo tempo o caráter social e relacional dessa construção.”

Abordar a história do voleibol feminino através das memórias das suas jogadoras e da mídia da época é mais do que falar apenas da estruturação dessa modalidade, visto que se encontram nesse tema dimensões embasadas nas relações entre homens e mulheres. Para Dulac (2002, p.148) “Falar da beleza, da feminilidade do corpo feminino a partir de materiais produzidos em um tempo que não é o de hoje, permite reconhecer discursos que atuam na construção das identidades femininas e masculinas.”

Alguns acontecimentos, em especial, ilustravam as contradições que cercavam a prática do voleibol. Um deles é a ocasião na qual, no ano de 1967, a “voleibolista” Irene Bertschinger foi eleita a Rainha do Centenário da SOGIPA, numa relação direta de feminilidade e beleza associadas ao esporte. Em contraponto, no depoimento de uma das jogadoras da época, Diná Petenuzzo Santiago (2002), reconstituindo diálogo ocorrido em sua casa:

Então quando minha irmã veio: Báh vou jogar basquete no União, fui convidada...Não, vou para natação”. Aí lá em casa foi o maior rebu. “ Não, mulher...pode até até ir lá para o clube, mas mulher em esporte, não, na...vocês não vão! Porque aí se torna tudo invertido.

A ameaça que o esporte representava a graciosidade feminina era, de um certo modo, atenuada por concursos de beleza vinculados a competições esportivas e a jogadoras de clubes. Mourão (1996, p.74), em seu estudo sobre os Jogos da Primavera no Rio de Janeiro, competição similar aos Jogos Abertos Femininos realizados em Porto Alegre, a partir da década de 1940, faz

as seguintes considerações: “Como, de acordo com o imaginário da época, qualquer tentativa da mulher de afirmar-se na esfera pública depunha sempre contra a sua feminilidade, acreditamos que a escolha da rainha dos jogos procurava de certa forma um contraponto[...]”.

Estas associações também aconteceram em competições de âmbito internacional. No campeonato sul-americano de 1958, realizado em Porto Alegre, uma jogadora da seleção brasileira foi eleita a rainha dos jogos, os critérios estabelecido para tal reconhecimento aparecem nas palavras publicadas pela Folha da Tarde (1958): “Sua coroação foi o justo prêmio à graça, à elegância e ao encanto juvenil que, presentes nessa festa magnífica de pan-americanismo, o povo soube simbolizar em Critiane Kuntzmann”.

Uma espécie de mediação transparecia nas reportagens da imprensa onde atributos de beleza integravam discursos sobre o esporte e as suas praticantes. As fotografias que ilustravam as reportagens poucas vezes eram registradas durante os jogo, assim como são raras as imagens publicadas nos periódicos em que as moças estejam suadas, desajeitadas ou com aparência de estafa.

As memórias das personagens que vivenciaram a estruturação do voleibol são um convite para repensarmos as relações entre homens e mulheres atuantes na organização de idéias e reflexões relativas as diferentes modalidades esportivas. Estes discursos convidam a repensar questões como: Por que o voleibol pode ser visto nas escolas até hoje como o esporte preferido pelas meninas? Existem atividades físicas mais adequadas a meninos ou meninas? Como foram constituídas historicamente as divisões entre esportes femininos e masculinos? Quais os critérios que regem esta subdivisão?

Nesse sentido, Agripino Júnior (2003, p.61) ressalta a necessidade do entendimento da organização social ainda vigente em nossos dias, elaborada a partir do homem e não da mulher, valores da cultura patriarcal que aprofundam desigualdades colocando o sexo masculino em

posição de superioridade ao sexo feminino: “Com isso, a mulher necessariamente para sobressair-se, tem de se masculinizar.”

Ao longo das décadas, à medida em que as moças passam a se interessar mais pelos esportes, a preocupação com a possível “masculinização” torna-se mais evidente através das limitações sociais imposta a certas prática, sob o argumento de manter a delicadeza nos gestos e a graciosidade das formas.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, aos músculos delineados, os músculos equivocados do corpo, os perigos das lesões, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo feminino da cultura física, quando relacionados a mulher, despertam suspeitas que parecem abrandar certos limites que contornam uma imagem ideal de ser feminina. (GOELLNER, 2000, p.143)

O universo das práticas corporais e esportivas em Porto Alegre, principalmente no período que antecede a década de 60, no que se refere à imagem das “boa moças” ou “moças de família”, aponta um número limitado de modalidades. O único apontamento histórico de jogo coletivo praticado por mulheres antes do voleibol é citado em entrevista com Vera Dallegrave (2004), o jogo chamava-se tamborim e era jogado recreativamente por mães de família nas quintas-feiras à tarde na Sogipa.

No esporte competitivo as opções para as moças aparecem nos discursos da mídia e das praticantes notavelmente influenciados pelo discurso da medicina da época. Em entrevista, Karin Ingrid Süffert Cordal (2003), quando interrogada quanto às possibilidades de práticas esportivas aconselhadas as mulheres declara: “Olha naquela época, eu sabia que tinha a ginástica olímpica, o vôlei e o atletismo.” Quanto à imprensa destaque o depoimento fornecido ao Jornal A Hora, importante periódico da época, em 1958 por Cristiane Elizabeth Kunstmann, citada como destaque do voleibol gaúcho e, na ocasião, convocada a integrar a seleção que disputaria o

campeonato sul-americano: “Acho que o vôlei e a natação são dos esportes mais indicados para a mulher, já que não são violentos.”. Este discurso convergia com a preocupação médica com a fragilidade do corpo feminino, assim como era herdeiro dos ideais de eugenia pregados por autores importantes no campo da educação física, como Fernando de Azevedo<sup>5</sup> (apud CASTELLANI, 1988, p.58) o qual afirmava:

A educação física da mulher deve ser, portanto, integral, higiênica, e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães.

Tão importante quanto o discurso pretensamente apoiado na ciência, o depoimento de uma das jogadoras da época sobre sua experiência no esporte deixa transparecer idéias similares:

É, assim como eu dei o exemplo da minha casa, naquele tempo a moça que fazia esporte, não é que fosse mal vista, assim no sentido da palavra, mas é naquele tempo era mais para a moça ser dona de casa, cuidar dos filhos e era uma coisa muito masculina praticar esporte, não é! (RICHTER, 2003)

A legislação também refletia a preocupação com a prática de esportes pelas mulheres, bem como a delimitava de acordo com níveis de segurança adequados. Segundo o decreto-lei n. 3199, artigo 54, de 14 de abril de 1941: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este feito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” Mais tarde, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) delibera sobre as modalidades não permitidas as mulheres: futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

---

<sup>5</sup> AZEVEDO, Fernando de. **Da educação Physica: o que ella é; o que tem sido, o que deveria ser.** RJ:Weiszflog, 1920.



O discurso médico integrava, com grande influência, as discussões que relacionavam mulher e esporte, como é presente na entrevista com Olga Valéria Kroeff Echart (2004):

Não, os médicos geralmente os médicos que falavam disso, que a natureza da mulher não permitia por exemplo, era muito prejudicial para a mulher receber bola no peito, o futsal também por exemplo a mulher a parte de jogar futebol ela não tinha sido preparada para isso. E também era o problema a bola, o outro problema era, por exemplo, lutas, era a mulher, a lutas eles não, eles não achavam que era, que não poderia ter, lutas porque a mulher tinha sido preparada para aquela época em 41 para ser mãe, porque que ela iria lutar, por exemplo, para lutar ela precisaria fazer muitos exercícios para ter tonicidade eficiente. Então isso os médicos achavam assim, horrível porque que a mulher iria se deformar para lutar, quer dizer não foi tanto a proibição por proibir. É porque achavam que isso não estava de acordo com o corpo da mulher que era preparada para outra função.

Importante enfatizar que grande parte das entrevistas realizadas apontam para o desconhecimento da legislações por parte das moças que se inseriam no esporte. Embora, indiretamente a prática de esportes seguisse estes preceitos, seja pela oportunização de um número restrito de modalidades, seja pelo controle da família, é importante compreender que estes são traços permeados por um sistema de representações coletivas que se davam por meio da convergência de discursos quanto ao papel social das mulheres e à reprodução dos mesmos pela imprensa e pelas praticantes.

Em reportagem realizada pela Revista dos Esportes em 1960, com a jogadora da Sogipa, Karin Ingrid Süffert, tem como frase destaque: “Apesar de ser graciosa, Karin não dá importância à sua aparência. O esporte e a educação física são as suas duas paixões”. Cabe ressaltar que no final dos anos 50 e início dos anos 60, citações como essas eram comuns nos periódicos que abordavam temas relativos ao esporte.



Imagem 5: Revista dos Esportes, 1960 (Acervo CEME)

Sobre o mesmo período, Diná Pettenuzo Santiago (2002) comenta os cuidados com a beleza que ela e suas colegas de time tinham ao se prepararem para os jogos: “Mas se aparecia enfeitada, pintada, cabelo como a gente achava melhor, e o uniforme que a gente queria sempre ajeitar do jeito que a gente achava mais bonito.” As moças demonstravam uma certa preocupação com a aparência, talvez por vaidade ou para negar o estereótipo da masculinização, o que indiretamente também pode ser compreendido como uma ação afirmativa.

Em 1961, Diva Santiago Corrêa foi convocada a integrar a seleção brasileira que iria ao campeonato Sul-americano de voleibol que se realizaria no Peru. A Folha Esportiva, publicação vespertina da Folha da Tarde, publicou como título da reportagem: “DIVA NÃO VAI (A MAMÃE NÃO DEIXA)”, logo abaixo constava a explicação: “Diva Santiago, embora contasse com licença antecipada para ir ao Rio, não teve autorização da sua mãe para se afastar.”

As reportagens acima ilustram a contradição de uma época em que o voleibol e o esporte feminino tomam força na cidade de Porto Alegre, através de eventos e de convocações de jogadoras para competições de relevância internacional. Por outro lado traduzem o conflito entre

a mulher esportista e o imaginário da época. As contradições apontadas no decorrer deste estudo, o que indicam a primeira metade do século XX como um período de suma importância para a inserção, difusão e consolidação do esporte feminino no Rio Grande do Sul. Paralelo a isto, uma série de discussões e tensões provindas de todas as esferas da sociedade, desde a família até o governo federal, impulsionavam os redimensionamentos e transformações na representação relacional: moças e esporte.

Em um estudo realizado por Rúbio e Simões, (1999, p. 51) sobre o esporte feminino, os autores apontam para o esporte “[...] como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também peculiaridades sociais.” No que diz respeito a esta pesquisa, as práticas esportivas além de projetar e reproduzir, fomentavam um meio de efervescência quanto ao imaginário daquele tempo referente à idade, etnia, gênero.

### **3.3. Influências da Escola Superior de Educação Física.**

As escolas e a fundação da Escola Superior de Educação Física foram agentes importantes para incentivar a prática do voleibol, revelar jogadoras, e posteriormente, encaminhá-las aos clubes. Um notável número de jogadoras de voleibol cursavam a Escola Superior de Educação Física qualificando-se como professoras, trabalhando em escolas e completando o círculo de incentivo e promoção ao esporte feminino.

O depoimento de Marlene César Richter (2003), formada em educação física na ESEF, de certo modo ilustra uma situação recorrente da época:

Na verdade eu comecei a praticar esporte, ah...já com 10 anos de idade quando eu estudava no Colégio Sèvigne em Porto Alegre...então eu fui começando ali a praticar com as maiores e, e o meu gosto se desenvolveu a partir daquele Colégio Sèvigne. Eu tive uma professora de educação física ótima, muito boa que depois foi minha professora na Escola de Educação Física, que me incentivou muito também.

A Escola, fundada em 1940, atraía predominantemente moças que se voltavam para licenciatura. O livro de registros da ESEF, datado de 1943, tem registro da primeira turma onde matricularam-se 124 alunos, sendo 26 do sexo masculino e 98 do sexo feminino – estas, em grande parte, eram professoras em exercício, fato que se confirmou como tendência nas turmas seguintes.

Olga Valéria Kroeff Echart (2004), aluna da primeira turma e posteriormente professora da ESEF, relata: “...na minha época quando eu tirei a Escola de Educação Física em 1940, vamos dizer nós éramos cinco turmas de mulheres e quatro turmas masculinas eu acho. E sempre foi assim, nunca mulher menos.”

Questionada sobre a importância da ESEF para o desenvolvimento do voleibol no estado, Olga responde:

Muito, eu tenho impressão para mim principalmente, porque, a Escola de Educação Física me abriu, como é que eu vou dizer, esta oportunidade de ter um conhecimento profundo de voleibol, por exemplo eu tirei cursos específicos de voleibol, com professores de, de...uma vez veio aqui diversos professores dar cursos de específicos de voleibol, em São Paulo eu participei de diversos cursos.

Conforme registrado no Histórico da Escola Superior de Educação Física, datado de outubro de 1943, além da sua rotina diária de aulas, a Escola também desenvolvia atividades, por exemplos: “A 2 de outubro de 1942 a escola foi visitada pelas alunas do Instituto de Educação, realizando, nesta ocasião um torneio de voleibol.” Em maio de 1949 nas comemorações do “Dia

do Ex-Aluno” a escola desenvolveu diversas atividades, com a presença de autoridades: “Além disso compareceram grandes representações de todos os Ginásios Femininos da Capital e alguns do Interior, disputando, ardorosamente o Torneio de Voleibol Feminino, promovido pela Escola para comemorar a data.” (Secretaria da ESEF, 1943). Em 1949 em especial, chama a atenção no livro de registros a quantidade de atividades (jogos e competições) relacionadas ao voleibol que a Escola participou, principalmente no voleibol feminino.

A Escola constituía a oportunidade das moças exercitarem-se, embora naquele espaço também houvesse restrições a algumas modalidades. O espaço da Escola configurava-se como um espaço de afirmação das mulheres no esporte, qualificando-as para trabalhar nesta área. No entanto esta qualificação nem sempre era bem aceita pelas famílias das moças.

Marlene César Richter (2003) conta sobre sua entrada na ESEF:

Inclusive quando eu fui fazer vestibular de educação física eu tive que fazer escondido, eu tive que fazer a segunda chamada porque minha mãe achava que não era bonito, não era elegante uma moça ah....fazer educação física ela achava que uma moça era para ter outra profissão, ou, mais feminina e tal, no que...Na linguagem dela e eu realmente eu não tive incentivo da minha família não. Mas depois que eu me formei aí eles entenderam, né! Me deram apoio e tudo, mas para entrar não tive não.

Da mesma forma Diná Petenuzzo Santiago (2002) relata o conflito que presenciou quando sua irmã propôs ingressar na ESEF: “Aí minha mãe disse: “Não tu não vais fazer! Faculdade de educação física? Nem pensar! Isso é coisa para homem, tu não vais!”

A educação física era uma área nova de inserção para as mulheres, até então quem lecionava esta disciplina nas escolas eram predominantemente homens, quanto muito alguns depoimentos contam de freiras que ministravam algumas aulas para as meninas. As moças cada vez mais ocupavam espaços que anteriormente eram vistos como de domínio masculino. Em suas famílias discutiam os padrões de comportamento que lhes tinham sido ensinados como adequados e anunciavam uma mudança inadiável no que diz respeito ao papel social da mulher.



Imagem 4: Turma de alunos da Escola Superior de Educação Física em 1943 (Acervo CEME)

### 3.4. Entre a quadra e a maternidade.

Em torno do voleibol identifiquei um terreno fértil para compreender o desenvolvimento do esporte feminino gaúcho, grande parte em torno da adesão, porém também em relação aos afastamentos do esporte. As moças ao jogarem expunham-se de forma mais efetiva, e isto por vezes, gerava desconforto em seus núcleos de relacionamento e o afastamento das quadras em geral foi relatado nas entrevistas como decorrência do namoro, do casamento ou do nascimento dos filhos.

Eu me afastei por que eu comecei a namorar meu atual esposo e já a família, a família deles não eram assim de esporte e não aceitava assim a...uma mulher assim jogando esporte, fazendo esporte, né! Não aceitavam achavam feio a mulher de calção aparecer...todos olhar naquela época quando tinha um torneio, uma coisa o estádio assim estava cheio, não é como agora que tinha meia dúzia de gente olhando, era cheio, e eles aceitar e eu...foi indo e eu deixei. (FRITSCH, 2003)

“Ser do esporte” ou não era fator relevante para a continuidade das moças durante o namoro ou casamento. “Ser do esporte” neste contexto assume o significado de praticar, assistir, ser associado a um clube ou associação esportiva, refere-se a cultivar o esporte como atividade integrante da rotina, característica percebida principalmente nas famílias de origem alemã. Quando as moças casavam-se com rapazes que “eram do esporte” ou seja, também vinculados a alguma prática, seus depoimentos trazem outros elementos. Karin Ingrid Süffert de Cordal (2003) lembra de amigas que sofreram restrições por parte dos namorados e relata: “Mas eu nunca tive [...] porque o outro namorado que eu tive também era do esporte. Quer dizer, sempre... eu me conservei dentro do esporte e o esporte foi a minha vida. Verdadeiramente.”

Mesmo nas famílias de origem alemã que praticavam esportes e freqüentavam os clubes com maior intensidade, havia uma espécie de cuidado para que a dedicação ao esporte não fosse a prioridade na vida das moças. Vera Dallegrave (2004) conta: “[...] estava todas as noites na Sogipa, até que arrumei um namorado e aí tinha que ter uma noite para o noivo, (risos) aí tive que deixar um esporte, aí deixei a esgrima, mas continuei o vôlei.”

A dedicação ao esporte freqüentemente, era vista como um fator de distanciamento das moças do lar e do matrimônio, como relata Miriam Weber (2004): “Não só o pessoal sempre dizia na minha família, né! - Ah, mas tu largas tudo, tu deixas o esporte, tu não tens namorado o que é isso?” Estes depoimentos mostram os limites do incentivo a prática de esportes, de certo modo a preocupação com a função social prioritária da mulher naquela sociedade: a maternidade.

Elena Bins Live (2004) conta que no início da década de 1950 largou as competições voleibol, mas continuou jogando com outras mulheres casadas e com filhos em um time de veteranas no Clube Leopoldina Juvenil. Quando questionada sobre se era normal que as mulheres ao casarem se afastassem das competições, ela respondeu: “Era, na minha época era, depois mais adiante não, mas quando eu jogava para disputar e coisa todo mundo era solteira.” Este, entre

outros depoimentos, leva a uma associação implícita na esfera esportiva entre as palavras: “casadas” e “veteranas”; justamente pelos limites não serem estipulados por idade, mas por critérios subjetivos mais vinculados ao comportamento social da mulher.

### **3.5. A imprensa e o esporte em Porto Alegre**

A importância da imprensa na história do esporte na cidade de Porto Alegre é perceptível na sua escolha como fonte primária do estudo, nas entrevistas realizadas e evidenciada na construção desta narrativa. Portanto um olhar mais atento para a história da imprensa no período estudado se faz indispensável para melhor contextualizar os acontecimentos, sua relevância histórica e seus significados.

Ao principiarmos um diálogo sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul, é relevante citar que esta se confunde por vezes com a história do Jornal Correio do Povo..

Em relação ao esporte retratado nas páginas dos jornais, Rüdiger (2003, p.82) cita o Jornal da Manhã (1930 – 1937) da Companhia Jornalística Riograndense, como publicação que: “...lançou diversas seções novas na imprensa gaúcha, chegando a publicar os primeiros suplementos editoriais de moda, esporte e sociedade no Rio Grande do Sul.”. Devido ao sucesso do periódico, Caldas Júnior lança, em 1936, A Folha da Tarde, um vespertino inspirado no jornal a *Crítica de Buenos Aires* e nos jornais da tarde de Londres. A Folha da Tarde era um jornal tablóide, anunciado como moderno e independente, e nas suas páginas trazia informações sobre competições, equipes e atletas. Em 12 de abril de 1937, o Correio do Povo lança uma publicação



específica sobre o esporte, começa a circular a Folha Esportiva que, a partir de 15 de setembro de 1949, passa circular diariamente até 1964 sendo completamente suspensa em julho de 1973.

Além dos periódicos da empresa Caldas Júnior outro jornal que figurava na imprensa gaúcha, centralizada em Porto Alegre, era o Diário de Notícias. “Em 1937 com a proclamação do Estado Novo, a ditadura vanguardista repreendendo publicações noticiosas e consagra hegemonia do Correio do Povo e do Diário de Notícias.” (Rüdiger, 2003, p.89)

Outros jornais a serem citados são o Última Hora, de linguagem populista, que fez sucesso entre camadas pobres emergentes, fechando em 1964 por pressão militar, e o A Hora, jornal vespertino, criado pela Autores Associados, mesma empresa que publicava o Diário de Notícias, e que fechou em 1961.

A influência da imprensa gaúcha no desenvolvimento do esporte na capital foi freqüentemente frisada nos depoimentos como este:

Antigamente havia muito, né? Quer dizer, quando tinha uma competição já aparecia antes, assim como aparece no futebol [riso]: “Fulana vai competir em tal coisa...”, aparecia bastante. Cada vez menos, né? O esporte amador é pago e sai aqueles pedacinhos. Tinha antigamente um repórter que era repórter do esporte amador, ele ia assistir e levava os resultados e ia e fazia, existia. E a gente gostava disso. Era uma coisa que bah, aparecia o teu nome no jornal, os conhecidos viam, então era uma coisa muito importante e isso não existe mais. (CORDAL, 2003)

O esporte passa circular nos jornais no final da década de 1930, e 1950 desponta como um período de maior visibilidade com o lançamento de uma publicação diária e especificamente esportiva: a Folha Esportiva. Num momento histórico onde a mídia impressa assumia grande centralidade como fonte de informações, as reportagens sobre os jogos e competições levavam mais público a assisti-los e incentivavam as moças a dedicarem-se ao esporte. No caso da empresa Caldas Júnior sua relevância toma forma na realização dos Jogos Abertos Femininos, discutidos no subtítulo seguinte.



Imagem 6: Parte do álbum de recortes de jornais da jogadora Miriam Weber

### 3.6. Os Jogos Abertos Femininos.

“Festa de beleza, graça e eugenia”: este foi o título da reportagem realizada pelo jornal A Hora no dia 11 de dezembro de 1954, quando foi realizada a primeira edição dos Jogos Abertos Femininos, organizados pela Folha da Tarde Esportiva. No corpo da reportagem seguia: “Nestes jogos é que aparecem a pujança, a magnitude, a soberania e a beleza da mulher gaúcha, numa demonstração como nunca antes havia sido dada verificar.”

Os Jogos Abertos Femininos eram realizados anualmente e, segundo o jornal anteriormente citado, colocavam o Rio Grande do Sul ao lado dos maiores centros esportivos do

país, afirmação alusiva aos Jogos da Primavera realizados no Rio de Janeiro, os quais inspiraram o jornalista Túlio de Rose a criar semelhante manifestação na capital gaúcha.

A sede de grande parte da competição era a Sogipa, sendo a abertura realizada no estádio do clube Estádio José Carlos Daudt perante numeroso público. Nas edições seguintes dos jogos alguns números podem ilustrar sua amplitude, em 1958, 29 clubes do estado (9 do interior) participaram, e o desfile de abertura contou com 30 mil espectadores. Na edição seguinte em 1959, uma reportagem da Folha da Tarde descreve a abertura: “É sabido que as arquibancadas do estádio sogipano são confortáveis e comportam cêrca de 30 mil espectadores. Entretanto, elas transbordaram. E o povo alojou-se dentro da pista, ocupando todos os lugares possíveis.”



Imagem 7: Desfile de abertura dos Jogos Abertos Femininos (Folha da Tarde, 1958)

Nos preparativos para a primeira edição a Folha da Tarde (1954) convocava sociedade gaúcha a participar: “Queremos, somente, para incentivo e êxito do empreendimento, a colaboração de todos que deve ser dado, inicialmente, com a adesão a primeira Olimpíada Feminina efetuada em nosso Estado, de maneiras a confirmar o grau real de adiantamento e difusão já logrado pelo esporte entre a mulher gaúcha.”

Nesta década o estado contava com algumas mulheres que haviam se projetado no cenário nacional e internacional principalmente no tênis, no voleibol, na natação e no atletismo, porém as modalidades propostas pelo programa dos jogos iam além, abrindo espaço para práticas até então não difundidas entre as mulheres.

As modalidades disputadas na primeira edição foram: atletismo, ginástica, arco e flecha, ciclismo, esgrima, hipismo, natação, basquete, saltos ornamentais, tênis, lance livre, voleibol, bolão e golfe. Nas edições seguintes outras modalidades como: bridge, tiro ao alvo, remo, arqueismo, regata a vela, pesca e o tênis de mesa, foram incorporadas.

A competição tinha assumidamente o intuito de incentivar a prática esportiva entre as moças, como é possível compreender observando o seguinte texto, publicado pela Folha Esportiva (recortes sem registro de data) na ocasião da terceira edição da competição:

O prélio, que desde 1954 a FÔLHA ESPORTIVA vem efetuando com integral êxito, dada a cooperação que contamos de parte de agremiações locais e interioranas, teve sua terceira edição realizada com maior brilhantismo, mais entusiasmo e com isso fica demonstrado quão úteis para os esportes femininos de nossa terra têm sido eles.

Os Jogos obtiveram grande sucesso quanto ao número de clubes participantes. Em sua primeira edição, dezesseis clubes participaram do evento, já em sua terceira edição houve a participação de trinta clubes de todo o estado. Conforme registro do Jornal Folha Esportiva (1956): “A Organização dada ao prélio foi impecável, outra demonstração ampla de que a diretoria da FARG está interessada em que os Jogos Abertos Femininos sejam uma grande demonstração de eficiência dos esportes femininos em nossa cidade.”

A organização dos jogos, de Túlio de Rose, contava com a Federação Atlética Riograndense, citada anteriormente, com a Imprensa da Companhia Caldas Júnior, através da sua publicação Folha da Tarde Esportiva, mas também com amplo apoio militar, através da Liga de

Defesa Nacional. Este apoio era percebido na organização das competições específicas das modalidades, dirigidas, em geral, por coronéis e generais, e na abertura do evento que contava com grande participação de nomes do exército gaúcho. O discurso em prol do esporte confundia-se com o discurso de exaltação e fortalecimento da pátria, na abertura o juramento das competidoras reafirmava o comprometimento do esporte com o espírito cívico pregado. “Juramos participar dos V Jogos Abertos Femininos como competidoras leais, respeitando os regulamentos e desejando disputa-los com o verdadeiro espírito esportivo, para honra de nossa Pátria e maior glória do desporto.” (Folha da Tarde, 1958). Os desfiles de abertura seguiam os padrões dos desfiles da semana da pátria, além de terem caráter competitivo- sendo o prêmio oferecido pela Liga de Defesa Nacional. Na abertura as misses e rainhas da cidade desfilavam sobre jipes da brigada militar ao som da banda marcial, as competidoras, devidamente uniformizadas, organizavam-se em colunas e a frente do clube ou agremiação uma jovem carregava o estandarte.

O caráter de confraternização era bastante ressaltado e a competitividade desfocada para a participação em diversas modalidades. Assim a premiação se dava ao clube ou agremiação que somasse mais pontos por participar no maior número de modalidades. Individualmente a disputa era pelo título de atleta destaque dos jogos, para as moças que obtivessem as melhores colocações em um número maior de esportes, o que ressaltava a característica, própria daquela época, de não especialização. Peculiar dos jogos também eram a crescente presença de clubes e agremiações do interior, o que demonstra abrangência dos jogos. No entanto o resultado da competição acabava por mostrar a supremacia dos clubes da capital. A Sociedade Ginástica Porto Alegre e o Grêmio Náutico União eram os clubes que se destacavam no esporte gaúcho, obtendo as maiores pontuações nos Jogos Abertos Femininos, além de concentrarem, ano após ano, entre suas competidoras, o título de atleta destaque.

### **3.7. Um “outro” voleibol: considerações sobre o cotidiano do esporte competitivo.**

Durante a pesquisa me deparei com peculiaridades do voleibol que remetem a um outro entendimento de esporte diferente do que observamos hoje. A estruturação do voleibol é permeada de detalhes do amadorismo à profissionalização, do apoio da família ao apoio de empresas, da realização dos campeonatos de seleções estaduais à criação dos clubes-empresas e o deslocamento efetivo do esporte para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Estes detalhes que busco dividir com o leitor neste subtítulo.

Em meio aos diversos clubes que formaram equipes, o voleibol feminino foi tecendo sua história desde os pioneiros: ACM, Sogipa e Esporte Clube Navegantes São João; até posteriormente Petrópolis Tênis Clube, Leopoldina Juvenil, Grêmio Foot-ball Clube, Esporte Clube União, Sociedade Esportiva Piratas, Sociedade Ginástica Novo Hamburgo, Esporte Clube Internacional entre outros. Não cabe aqui mensurar suas devidas importâncias ou compará-los por datas ou títulos, mas compreender o conjunto de fatos que fez do voleibol o esporte coletivo de maior respaldo no âmbito das práticas esportivas femininas, o que pode ser percebido pelo interesse destes clubes em formar equipes.

Cabe no entanto enfatizar que ao longo do tempo e, principalmente da década de 1950 em diante, a centralidade do voleibol no estado estabelecia-se no União e na Sogipa, até por estes clubes contarem com certa tradição e convidarem as jogadoras que se destacavam em outros clubes. Deste modo há grande rivalidade nas competições de voleibol, conforme relata Valmy Volpi (2002), praticante da modalidade na década de 1950: “E o nosso era sempre o adversário do União, do feminino, sempre a Sogipa. Sempre foi a luta, sempre Sogipa. Um era o campeão e

o outro era vice, sempre. Todos os anos era a mesma coisa. Porque as outras equipes que tinha eram bem mais fraca, não é?”

A centralização do esporte feminino, principalmente do voleibol, em torno desses clubes também pode ser percebida na notícia publicada pela Folha Esportiva em 1956: “A equipe campeã de Porto Alegre na presente temporada vem ser convocada em totalidade como base para a seleção gaúcha que disputará o brasileiro em Recife.” Campeonato este, realizado em 1957, que vem a ser o primeiro organizado pela recém-criada Confederação Brasileira de Voleibol.

Nos livros comemorativos da Sogipa e do União, escritos por Hoffmeister (s/d, p.125) menciona certames de voleibol metropolitanos masculino e feminino com vitórias consecutivas da equipe da Sogipa, por exemplo de 1942 a 1948. E nos seus escritos sobre o União menciona as vitórias que são silenciadas no livro da Sogipa, o que demonstra alternância entre os dois clubes.

Estes livros são fontes de registro importantes, porém cabe uma ressalva: foram escrito para registrar a história e exaltar a grandeza dos clubes, logo, exigem uma leitura atenta aos silêncios em relação a importância de outros clubes, derrotas e demais fatos que permeavam o cotidiano dos clubes.

Entre entrevistas, livros e jornais a década de 1960 aponta para a consolidação do voleibol gaúcho através de grande respaldo e participação no cenário nacional. Neste período também é perceptível a supremacia da equipe sogipana, que de 1965 a 1975 vive a chamada “Década de Ouro”, comandada por uma das primeiras técnicas da história do voleibol gaúcho, Madga Burge Rive (2004), constantemente elogiada por sua competência na direção da equipe. Magda foi jogadora de voleibol e, em 1963, pediu à direção do clube para assumir a direção da equipe, permanecendo até 1976. “Aí eu, como eu sabia que a equipe da Sogipa estava, quase ninguém aparecia pra treinar, eu cheguei para o presidente e disse para ele que eu gostaria de treinar, se era possível treinar o time da Sogipa que estava tão mal”



Imagem 8: Uma das equipes da “Década de Ouro” da Sogipa (HOFMEISTER, 1987, p.158)

Dentre as mudanças que promoveu no sentido de valorizar as jogadoras e melhorar a estrutura para os treinamentos das equipes durante no período em que comandou a equipe, cabe ressaltar a entrada da joelheira no voleibol gaúcho.

Olha, a joelheira é um troço interessante. Ninguém jogava de joelheira em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Imagina, isso aí, isso aí pega mal, joelheira. Ou vão dizer que a gente é mascarada ou vão dizer que a gente é muito masculina para estar jogando com joelheira. E eu disse pois é: Então nós vamos fazer o seguinte, vocês tudo vão usar joelheira, ninguém vai falar de uma só, vão falar *de todo* mundo. Vocês vão jogar de joelheira e eu quero ver todo mundo se atirando aqui. Nunca tinha jogado de joelheira. Mas lá fora, no mundo todo, todo mundo jogava de joelheira. E uma pessoa, ainda mais mulher, né? Vai se atirar e machucar o joelho, não. E aí começou, isso aí não era, deus o livre tu usares no meu tempo de atleta, de jogadora eu usava uma joelheira, coisa horrorosa, caía na boca do povo. Era um terror. (2004)

A treinadora Magda é personagem importante desta história por buscar espaço em um cargo de comando, até então ocupado por homens, trabalhando por melhoras na estrutura do esporte do qual até 1962 era praticante.

Neste período o voleibol passa por mudanças que vão lhe dando as formas que o configuram atualmente através de treinos mais sistemáticos e a inclusão da figura do preparador



físico. Em contraponto, Elena Bins Live (2004) conta de seus treinamentos na década de 1940: “Então tinha que treinar assim, e a gente treinava assim deste jeito entrava chegava no clube botava o uniforme e ia treinar sem nada nem fazer um mínimo de exercícios.”

As diferenças e semelhanças entre as décadas são apontadas por depoimentos de jogadoras de diferentes períodos, mas também por mulheres que tiveram carreiras longas ou mantiveram vínculo com o voleibol seja como professoras ou treinadoras. Helga Cordal Sasso (2004), filha de Karin Ingrid Süffert Cordal iniciou a prática do voleibol através da influência da mãe, foi jogadora e atualmente é treinadora. As diferenças entre a sua geração e a de sua mãe são apontadas por ela:

Bom quando a minha mãe jogava, treinava muito menos tanto que hoje em dia elas ainda conseguem jogar. No meu caso assim eu treinava todos dias quando ia para a seleção treinava duas vezes por dia depois quando foi transferida para o Rio eu treinava duas vezes por dia todos os dias inclusive sábado era uma profissão. Hoje em dia me dói joelho, me dói as costas não sei se eu consigo chegar jogando vôlei até idade que a minha mãe joga. Daí eu acho que esta é a maior diferença que teve da minha geração para dela hoje em dia muito mais automatizado, antigamente quando eu jogava, tu tinhas as suas particularidades e elas se sobressaía em relação ao grupo, em relação a cada jogadora, em relação ao voleibol que era jogado e com certeza na época da mãe mais ainda.

Em termos de estrutura física as diferenças iniciam pelas quadras onde eram realizados os jogos, não havia quadras fechadas, o salão de baile da Sogipa (sede na rua Alberto Bins) era freqüentemente utilizado para os treinamentos. Em 1957 o União construiu seu ginásio coberto o “Palácio dos Esportes” e em 1958 a Sogipa construiu o chamado “pombal” (apelido dado pelos freqüentadores da época), também o Ginásio da Brigada foi construído para a Universidade de 1963. Posteriormente mais espaços adequados para prática do voleibol surgiram.

Em relação aos uniformes, estes também foram alvo de transformações, por vezes, polêmicas.

Porque a semana da pátria jogavam as escolas e jogavam os clubes e aí sempre, sempre dava a mesma final Colégio Bom Conselho e Sogipa e aí nós jogávamos as seis jogadoras do Colégio Bom Conselho, jogavam na Sogipa então a gente jogava um anos pela Sogipa um ano pelo Bom Conselho por que como é que eu iria fazer aí também teve um fato muito interessante porque naquela época o colégio de freiras eram, os uniformes eram bem diferentes do que a gente jogava na Sogipa a gente jogava com saia calça até o joelho e quando chegava na hora de defender a Sogipa colocava aquele short bem curtinho, então era muito engraçado aquilo né! (BINS, 2004)



Imagem 9: Equipe do Colégio Bom Conselho no Torneio de Voleibol Feminino da Semana da Pátria em 1947 (Acervo CEME)

A imagem acima demonstra o contraste existente em um período onde o esporte feminino difunde-se e as jogadoras começam a criar identidade enquanto grupo social. O uniforme mais curto simbolizava a liberdade do corpo feminino para movimentar-se e por conseguinte a maior exposição das formas, fato que causava opiniões divergentes na sociedade da época.

Diná Petenuzzo Santiago (2002) fala sobre os uniformes utilizados na década de 1960:

Porque no início, isso aí se agregou a todos os princípios morais da época: o calção comprido e a própria vestimenta que se jogava – tudo era mais ou menos contestado, mas com a evolução assim do esporte as coisas evoluíram junto. Por exemplo, a gente já não queria aqueles calções lá em baixo; já se pedia para ser bem recortado e também o Rio Grande do Sul sempre foi um pouco mais atrasado nessas coisas morais, comparado ao Rio de Janeiro. Então cada vez que nós nos defrontávamos com o Rio de Janeiro, a gente queria mudar o uniformes; a gente queria botar as nádegas de fora e com a camiseta, com tudo que os outros tinham [...].

As jogadoras conquistavam, através de suas reivindicações e ações, espaço para expor seu modo de viver o esporte. A roupa com a qual jogavam também foi uma destas conquistas, na medida que fora contestada, por alguns setores da sociedade, e mesmo assim mantida pelas jogadoras que a impuseram e naturalizaram com o passar do tempo. Os uniformes simbolizaram uma atitude de autonomia em relação ao próprio corpo e por serem geralmente feitos pelas jogadoras ou pelas suas mães configuravam-se como um espaço de domínio das moças que davam a eles as formas que lhes agradavam.

O apoio dos clubes para a confecção dos calções e camisetas seguiu o caráter amadorista da época como conta Magda Burge Rive (2004):

A gente fazia um calçãozinho para jogar, uma blusa branca, que era o caso da Sogipa, um calção preto e o distintivo que a Sogipa nos dava, então a gente bordava, costurava o distintivo e íamos jogar. Tênis a gente comprava. Mas não era tênis que nem esses aqui agora, né? Uns Conga, umas coisas horríveis todo mundo anda ruim da coluna e depois que a gente jogava a gente tinha que lavar a blusa a gente tinha que levar para lavar tudo, né?

A confecção dos uniformes pelos clubes marcou o início do apoio econômico às equipes, fato que, na época era visto como uma conquista importante e valioso incentivo:

No início era aquela coisa a gente ia até pedir a voluntários aquelas casas de tecidos de tudo que eles vendiam os tecidos para a gente e cada uma ganhava seu metro e tinha que ir em casa fazer seu calção, sua camiseta, sua camisa no caso, cada uma fazia. E depois com o tempo é que então o clube começou a dar, o tênis era o que a gente comprava, depois o clube começou a dar a camiseta, o calção até ali a gente continuava comprando, ganhava abrigo depois aí de devagarinho [...] (COSTA, 2004)

Paralelo a estruturação do voleibol gaúcho, à maior visibilidade, ao aprimoramento das condições físicas -estruturais, ao apoio dos clubes, dos meios de comunicação de massa e da sociedade em geral, começaram a ocorrer mudanças em seu caráter lúdico-desportivo em detrimento da competitividade aproximando-se do que conhecemos hoje como esporte de alto rendimento.

Já no final da década de 1940 Elena Bins Live (2004) relata: “Depois que começaram a jogar os sul-americanos as gaúchas que se sobressaíam, teve atletas até que foram para o Rio que jogavam na Sogipa conosco e foram para o Rio, convocadas pelo Flamengo, para jogar pelo Flamengo, Marina Selistre.”

A transferência de Marina Selistre para um dos grandes clubes da época marcava o início da profissionalização, naquele tempo caracterizada por hospedagem e ajuda de custo. Mais tarde posso citar como exemplo Valmy Volpi (2002), na década de 1960, que após jogar o pan-americano passou a morar em Minas Gerais.

[...] joguei em Minas, fui campeã mineira, fiquei lá dois anos jogando para poder acompanhar o treinamento da seleção, porque eles faziam um treinamento: fim de semana em Minas e durante a semana cada uma no seu clube, como é que eu poderia treinar no União durante a semana, e os fins de semana se reunir lá?

O depoimento de Valmy ilustra um período em que os treinamentos foram modificados, se as convocações anteriores eram realizadas com pouca antecedência - algo em torno de um mês – em seu relato surge o indicativo de treinos mais sistemáticos e conseqüentemente uma maior preocupação com a formação efetiva de uma seleção brasileira de voleibol feminino.

O ensaio de um profissionalismo, ainda que incipiente, e da centralização do voleibol entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, torna-se evidente nos anos seguintes. Helga Cordal Sasso (2004) faz um paralelo com o período quando foi jogadora na década de 1970 e os dias de hoje:

Ah quando eu comecei a jogar tinha, tinha muitas equipes, tinha campeonato adulto eu me lembro que a gente treinava todos dias e o nosso objetivo era ser campeão adulto e a gente tinha atletas no adultos hoje em dia eu treino, dou treino na Sogipa a gente não consegue passar de infante, já no juvenil os gurias começam a estudar já começam a....que eu acho isso muito triste sabe a gente tem atletas com alto potencial mas as

atletas com potencial ela se transfere para São Paulo, Rio e as que não tem potencial simplesmente param.

As convocações para a seleção brasileira eram feitas com participação das federações estaduais que enviavam jogadoras. Helga em 1978 teve sua primeira convocação para a seleção infanto através da FGV, e acabou por ser chamada consecutivamente para integrar seleções, e indo por conseguinte morar no Rio de Janeiro. Os campeonatos brasileiros entre seleções estaduais foram extintos na década de 1980, e cada vez mais o Rio Grande do Sul se distanciou de convocações e participações em âmbito nacional.

Não é objetivo de análise detalhada deste trabalho, mas considero relevante citar que o voleibol brasileiro sofreu uma grande mudança em 1981. Através do trabalho do presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, Carlos Arthur Nuzman, houve a alteração da lei que impedia a entrada empresas no esporte e o Conselho Nacional de Desporto autorizou a criação de clubes-empresas. Outro elemento segundo, Valporto (2004) foi a profissionalização dos setores técnicos e administrativos da entidade, além do intensivo trabalho, principalmente nas categorias infanto e juvenil o que iria transformar o voleibol brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste passeio pelo tempo tendo como fio condutor o voleibol feminino no Rio Grande do Sul, descobri mais do que histórias específicas sobre esta modalidade, mas principalmente sobre o esporte feminino e inserção da mulher no âmbito das práticas esportivas. As evidências levantadas durante a construção da narrativa apontam para o Rio Grande do Sul como um espaço privilegiado no cenário nacional no que diz respeito a oportunização do esporte para as moças fato pode ser percebido no número de amistosos, de competições, na relevância das mesmas, na figuração das seleções gaúchas nos primeiros campeonatos nacionais, além das diversas convocações de jogadoras para integrar seleções brasileiras. O fator da colonização alemã foi um dos agentes que impulsionou a cultura esportiva no estado tanto que grande parte das mulheres que aparecem vinculadas a alguma modalidade em jornais e revistas ou nas entrevistas realizadas são de origem alemã.

Em torno do culto ao exercício físico as moças eram incentivadas a frequentar clubes com a família e a praticar esportes individuais. E com a vinda do voleibol estas moças passaram a se interessar por esta modalidade de jogo coletivo, impulsionadas pelo aprendizado deste conteúdo nas aulas de educação física escolar. As mulheres entrevistadas contaram do início de suas vivências esportivas e o ingresso no voleibol como fato posterior, muitas dedicaram-se a diversas modalidades simultaneamente ao voleibol. O estudo aponta para a não especialização como uma das características mais marcantes nos primórdios do esporte feminino no Rio Grande do Sul.

Outro ponto relevante é o fim da carreira esportiva ser marcado pelo casamento e pela chegada dos filhos; elas iniciavam bastante jovens, na idade escolar e afastavam-se, em geral, quando assumiam o papel de mãe. Durante a busca das fontes para os depoimentos orais, isto se

manifestou na adoção do sobrenome do marido<sup>6</sup> e, por conseguinte, a ausência de seus nomes em listas telefônicas – grandes parceiras desta pesquisa – ou simplesmente na dificuldade em encontrá-las por serem agora conhecida pelo “nome de casada”.

A mediação dos discursos de incentivo ao esporte e a restrição quanto às modalidades, além da preocupação que este não desviasse as moças do curso tido como natural, ligado a função bio-social da mulher, ficava evidente numa espécie de pré-conceitos implícitos na sociedade.

Ao garimpar memórias, as fontes orais exigiram certa sensibilidade para análise dos silêncios, das ausências e das diferentes compreensões do cotidiano. Como evidência disto pode ser citada parte da entrevista com Valmy Volpi (2002) jogadora da década de 1950, quando questionada quanto a possíveis preconceitos percebidos ela afirma: “Não, nunca, nunca tive. Havia de vez em quando alguns, que achavam que esporte não era coisa para mulher, por sinal até uma pessoa bem conhecida, uma vez chegou e disse, em plena na rádio, que o esporte não era para mulher.”

Durante a pesquisa mantive constante atenção a análise do “não dito”, frente a determinadas questões ou simplesmente as respostas negativas quando me refiro a interpretação de comportamentos à luz dos padrões e valores culturais da sociedade atual. Faz parte destes silêncios a ausência de mulheres nas diretorias da Federação Gaúcha de Voleibol. Esses silêncios configuram as entrelinhas nas quais determinados fatos importantes ao estudo podem ser sonogados por serem julgados irrelevantes pela entrevistada, dentro de uma lógica de naturalização.

Da mesma forma, as vozes destas mulheres relatam suas participações e conquistas a partir de sua visão, desfocando a ênfase dos dirigentes de clubes, federações e equipes

---

<sup>6</sup> Vera Wetter assumiu o sobrenome do marido ao casar-se, passando a chamar-se Vera Dallegrave.

(personagens masculinos) - seus grandes motivos de orgulho aparecem quando mostram seus álbuns de fotografias, falam sobre suas vivências e na satisfação pelo reconhecimento do laurel. Embora não tivessem retorno financeiro o título de laureada pelo clube era um reconhecimento – obtido por determinados critérios referentes a número de partidas e vitórias obtidas com pelo clube – a que muitas fizeram menção.

As jogadoras do voleibol gaúcho, protagonistas desta pesquisa, nos contam da estruturação de uma modalidade e seus desdobramentos em um período marcado pelo entusiasmo e pela resistência no que se refere às práticas esportivas e as moças. Um tempo que pouco conhecemos e seus depoimentos, suas memórias, nos propiciam hoje, a aproximação e compreensão do universo que permeou e permeia o movimento corporal, e em especial a prática de esportes como um campo fértil em representações quanto a construção da diferença sexual.

A luta de representações tomava forma no entendimento de um esporte mais adequado as mulheres, porém a ser praticado sob os olhos atentos da família e da sociedade por constituir um risco constante de “masculinização”. Os discursos tinham por base argumentos biológicos, os quais, não esqueçamos, também foram construídos historicamente. As representações das mulheres esportistas ao longo do tempo foram remodelando-se, em grande parte por conquistas das jogadoras, mas ainda conservaram, por produção de imposições interiorizadas, silêncios.

As histórias contadas nos instigam a desnaturalizar nossa compreensão do presente subsidiada pelos vestígios que delas acessamos. Estas vozes que por vezes parecem pertencer a um passado tão distante e que são, ao mesmo tempo, tão presentes. Assim finalizo esta pesquisa, questionando se estes discursos e imagens aparentemente tão distantes, não permeiam ainda hoje, de forma remodelada, não mais o voleibol, mas outros comportamentos e modalidades esportivas femininas.



## REFERÊNCIAS

**A HORA**. Porto Alegre, julho de 1958.

**ALBERTI**, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

**ATA DE FUNDAÇÃO**, Federação Gaúcha de Voleibol. 27 de setembro de 1954.

**BASSANEZI**, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

**BERGER**, John. **Modos de ver: Colección Comunicación Visual**. Barcelona: GG, 1974.

**CALDAS**, Breno. **Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

**CARVALHO**, Oto Moravia de. **Voleibol moderno**. Belo Horizonte, MG: Imprensa Oficial, 1978.

**CASTELLANI**, Lino Filho. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

**CATROGA**, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 2001.

**CHARTIER**, Roger. **A beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

**CORDAL**, Karin Ingrid Süffert. (*depoimento*, 2003). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**CORRÊA**, Diná Santiago. (*depoimento, 2002*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2003.

**CORRÊA**, Diva Santiago. (*depoimento, 2002*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2003.

**COSTA**, Margot Ritter. (*depoimento, 2004*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**DALLEGRAVE**, Vera. (*depoimento, 2004*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**DULAC**, Eliane Beatriz Ferreira. *Beleza, sedução e juventude: A Revista do Globo ensinando feminilidade*. Porto Alegre: dissertação de mestrado/ FAGED, 2002.

**ECHART**, Olga Valéria Kroeff. (*depoimento, 2003*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**FOLHA ESPORTIVA**. Porto Alegre, 1954.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 03 de setembro de 1956.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 17 de novembro de 1956.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, dezembro de 1956.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 13 de novembro de 1958.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, 25 de março de 1961.

**FRICHT**, Elly Rau. (*depoimento, 2004*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**GALVANI, Walter. Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

**GOELLNER, Silvana Vilondre.** As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres do início do século. In: **Revista Movimento** n.9. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. Silvana Vilodre. Memória, cultura e corpo: invenção e conhecimento. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (org.) **Educação Física/Ciências do esporte: invenção e conhecimento.** Florianópolis: CBCE, 2000.

\_\_\_\_\_. Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.) **Pesquisa histórica em educação física.** Aracruz, ES: FACHA, 2000.

\_\_\_\_\_. Silvana Vilodre. Gênero, educação física e esportes. In: VOTRE, Sebastião. **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

**HOFMEISTER FILHO, Carlos. 90 anos do Grêmio Náutico União “O Clube das três Sedes” - 1906/1996- .** Porto Alegre, RS: 1996.

\_\_\_\_\_. Carlos. **SOGIPA 120 anos: Doze décadas de história.** Porto Alegre, RS: s.d.

**HUNT, Lynn. A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

**LE GOFF, Jaques.** A história do cotidiano. In: DUBY, Georges, ARIÈS, Phillippe e LE GOFF, Jacques. **História e Nova História.** Lisboa: Teorema, s.d.

**LIVE, Elena Bins. (depoimento, 2004).** Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS,** 2004.

**LOZANO, Jorge Eduardo Aceves.** Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

**LOURO**, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1987.

**LUZ JÚNIOR**, Agripino Alves. **Educação Física e Gênero: Olhares em cena**. São Luís: Imprensa Universitária/UFME/CORSUP, 2003.

**MARCHI JÚNIOR**, Wanderley. Olhares para o Campo Esportivo: 1895 – Contando o início da História do Voleibol. In: **VII Congresso brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança** (7.:29 maio a 01 jun. 2000: Gramado – RS). Anais, Porto Alegre: UFRGS/ESEF, 2000.

**MELO**, Vitor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

**MOURÃO**, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-esportivas de 1870-1950. In: **VII Congresso brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança** (7.:29 maio a 01 jun. 2000: Gramado – RS). Anais, Porto Alegre: UFRGS/ESEF, 2000.

\_\_\_\_\_. Ludmila. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, Sebastião Josué (org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, 1996.

**NUNES**, Clarice. Os desafios da pesquisa histórica. In: **IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.

**OSÓRIO**, Cloé de Fontoura. (*depoimento, 2003*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2003.

**PAIVA**, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

**PESAVENTO**, Sandra Jatahy. Memória de Porto Alegre: espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre** - . Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_. Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

**REVISTA DOS ESPORTES**. maio de 1960.

**RICHTER**, Marlene César. (*depoimento, 2003*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**RIVE**, Magda Burge. (*depoimento, 2003*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**ROUSSO**, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

**RÚBIO**, Kátia. **SIMÕES**, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas. **Revista Movimento**-n.11 (1999/2).Porto Alegre: UFRGS/ESEF, 1999.

**RUDIGER**, Francisco Ricardo de Macedo. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

**SANT'ANNA**, Denise Bernuzzi. Educação Física e História. In: Educação física e ciências humanas. CARVALHO, Yara Maria de e RÚBIO, Kátia (orgs.) São Paulo: Hucitec, 2001.

**SASSO**, Helga Cordal. (*depoimento, 2004*). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.

**SCHERMANN**, Adolpho. **Os desportos em todo mundo**. Rio de Janeiro: Revista da A.A.B.B., 1954.

**SCOTT**, Joan W. **A cidade paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Editora da Mulheres, 2002.

**SIMSON**, Olga R. de M. von. Memória, poder e cultura na sociedade do esquecimento: um exemplo do Centro de Memórias da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

**SOARES**, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

**SOUZA**, Nádia Geisa Silveira de. **Representação de corpo-identidade em história de vida**. Revista Educação & Realidade, jul./dez., 2000.

**VALPORTO**, Oscar. **Voleibol**. <http://www.mre.gov.br>.

**VILANOVA**, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatística e fontes orais. In: FERREIRA, Marieta Moraes (org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

**VOLPI**, Júlio César, **VOLPI** Marco Antônio, **VOLPI**, Valmy. . (*depoimento*, 2002). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2003.

**WEBER**, Miriam. (*depoimento*, 2004). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS**, 2004.